ROMANCES NOVA CULTURAL 1

Julia Verão



Meu Querido Cowboy

Susan Fox

SBD

Título original: *The cowboy wants a wife!*

Copyright © 1996 por Susan Fox
Copyright da tradução © 1996 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Nancy de Pieri Mielli

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Tinna e Rejane

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

Fox, Susan Meu Querido Cowboy [recurso eletrônico] / Susan Fox [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1996.
recurso digital (Julia Verão; 1)

Tradução de: The cowboy wants a wife!
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-03-7303-432-1 (recurso eletrônico) 1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Naquelas férias, ela descobriu um amor para toda a vida!

Eles não têm nada em comum... mas são perfeitos um para o outro!

Ela tem um Porsche, ele dirige um jipe... Ela é uma socialite e mora em Hollywood, ele é um rancheiro rude que despreza o glamour e preferiria morrer a usar um smoking.

Há um abismo entre Melissa e John Dalton Hayes. É compreensível, portanto, que ele não veja com bons olhos a perspectiva de hospedar Melissa em sua casa. Mas, como os opostos se atraem, cada vez que começam uma discussão, eles terminam se beijando!

Capítulo 1

John Dalton Hayes estava percorrendo os limites de seu rancho do lado leste, que eram demarcados por um aglomerado de antigas e frondosas árvores. Ele tinha por hábito examinar a propriedade que herdara do pai, e que pertencia à família havia cinco gerações, montado em seu garanhão. John conhecia cada pedra, cada palmo de terra daquela região do Texas. Era o dono e senhor de uma área de trinta mil acres que administrava com pulso forte mas também com benevolência. Assim como os homens que trabalhavam para ele, entregava-se de corpo e alma ao labor duro que a terra obstinada exigia. Nenhuma ameaça, quer partisse de um homem quer da natureza, fora capaz de dobrar sua vontade de ferro. Até o presente momento.

Estava com raiva de si mesmo e do mundo em geral. Cada vez que pensava que havia perdido um terço de seu precioso rancho por causa de uma garçonete loira, com pretensões a artista de cinema, perdia o sono.

O desastre acontecera durante uma de suas viagens a Dallas. Após perder a cabeça e passar três dias e três noites num quarto de motel com Raylene Shannon, sua consciência obrigou-o a pedi-la em casamento.

Até a cerimônia que se realizou naquele mesmo dia o relacionamento deles não poderia ter sido mais maravilhoso. O inferno começou realmente depois que Raylene conheceu o lugar onde passaria a viver.

Além de detestar a vida num rancho, ela passou a detestar também o marido que não entendia sua vocação para o estrelato.

A recusa de J.D. em investir alguns dólares em nome de sua carreira e fama fez com que todas as promessas de amor eterno fossem esquecidas. Do fogo da paixão restaram apenas as cinzas frias do arrependimento e a perda de um terço do rancho e de uma pequena fortuna no acerto do divórcio.

O dinheiro poderia ser recuperado com esforço e trabalho. O pior seria reaver a terça parte do rancho. A vingança de Raylene por ele ter atrasado sua carreira em um ano foi se recusar a lhe vender as terras, mesmo por um valor muito acima de mercado.

Por mais que ele tentasse, ela se manteve irredutível durante meses. Agora, ele acabava de receber a terrível notícia de que uma jovem socialite de Hollywood havia adquirido a propriedade e viria tomar posse do lugar em poucos dias.

De acordo com as informações de seu advogado, o nome dela era Melissa Yahzoo.

John estava galopando e pensando em voltar para casa e tomar um banho para refrescar a cabeça quando um movimento lhe chamou a atenção do outro lado da cerca.

Uma garota, tipo mignon, estava caminhando em direção ao curral. O chapéu de abas largas e os óculos escuros não permitiam que ele examinasse suas feições. Mas bastava olhar para sua figura num jeans apertado, botas pretas e uma blusa de seda azul para notar que ela era tão bonita que poderia ser modelo de capa de revista.

John Dalton Hayes era um homem destemido. Foi por esse motivo que o arrepio que lhe subiu pelas costas provocou preocupação.

Uma estranha sensação invadiu-o ao ver a jovem pequena e feminina em contraste com o gado.

A prudência recomendava que se afastasse imediatamente com seu cavalo. Em vez disso, John continuou parado, observando.

Aproveitando-se da sorte de não ter sido notado, John examinou o Porsche vermelho conversível, estacionado sob as árvores. A placa era da Califórnia. Isso irritou-o ainda mais. Aquilo era um lembrete de que seu domínio estava sendo invadido por uma socialite.

Rememorou as palavras de seu advogado de que ele não tinha mais nenhum direito legal sobre as terras perdidas. A nova proprietária, portanto, poderia fazer do lugar o que quisesse.

A maior esperança de John era que a jovem considerasse a associação com ele algo intolerável. Não que pretendesse prejudicá-la ou tornar sua vida impossível. O que ele esperava era que a imagem que ela deveria fazer do oeste, como um lugar romântico aos moldes dos filmes, logo a decepcionasse.

Hollywood era o mundo dos sonhos, do faz-de-conta.

A vida no oeste, contudo, era de trabalho duro. Assim que ela se desse conta de que não teria mais uma vida social como a que estava acostumada, ele tinha certeza de que lhe venderia as terras.

Seria uma glória. Nesse dia, ele teria não apenas sua herança de volta, mas também seu orgulho.

Uma voz suave e feminina alcançou seus ouvidos. Ele franziu o cenho. Era incrível, mas um bezerro estava se afastando da mãe para atender ao chamado.

— Oh, como você é bonitinho, meu bebê — ela dizia. Um minuto depois, dois outros bezerros e suas mães disputaram a afetuosa atenção.

John ficou em dúvida. Não sabia se praguejava ou se corria buscar sua máquina fotográfica. Nenhum de seus animais era tratado daquela forma e nenhum havia se mostrado tão dócil até aquele momento.

No entanto, ali estavam em volta de Melissa Yahzoo como uma ninhada de cachorros à espera de um cafuné ou de uma palavra de carinho.

O estranho poder que a jovem exercia sobre os animais provocou uma sensação incômoda. Como não queria que ela persistisse, ele resolveu colocar um fim imediato na situação.

Melissa ouviu a aproximação do cavalo e cavaleiro e ergueu os olhos. Em seguida se levantou e se despediu dos bezerros com palavras e afagos.

Não parecia muito contente com a interrupção. O mais provável era que já tivesse adivinhado quem ele era: o homem que não se conformava com a perda de um terço de sua propriedade para a ex-esposa.

Era exatamente isso que Melissa estava pensando enquanto o cowboy mal-humorado vinha em sua direção. Sua advogada havia lhe prevenido sobre a dificuldade que certamente teria com o sr. John Dalton Hayes.

Ele estava a poucos metros de distância quando um sorriso surgiu nos lábios de Melissa. Ela já havia enfrentado muitos problemas em seus vinte e três anos de idade para temer aquele encontro.

Seus olhos se fixaram num par de coxas musculosas em primeiro lugar. Depois, sem qualquer má intenção, no perfil volumoso da masculinidade. Passou, então, para a camisa xadrez de verde que deveria ter sido feita sob encomenda para acomodar aqueles ombros largos.

Por fim, os óculos escuros dela encontraram os óculos escuros dele. O sorriso se ampliou. Mas

quando se deu conta de que o homem havia endurecido o queixo e que seus lábios haviam se transformado numa linha fina, foi forçada a se comportar de igual modo.

Por uma fração de segundo, Melissa sentiu que voltava à infância. Era como se estivesse olhando outra vez para seu pai adotivo. Sempre que sorria em busca de um olhar, de um gesto carinhoso, o resultado era o mesmo. Em retribuição, ganhava um olhar austero, quase de censura.

Mas ela havia aprendido uma lição após tantas decepções. Aprendera a fingir que não se importava, que era indiferente à rejeição. A arte de representar era algo fácil para ela desde a infância. Por ser filha adotiva de artistas de teatro e de cinema, observara tantas vezes seus estudos e ensaios, que acabara imitando-os nos momentos de necessidade.

A idade adulta, Melissa percebeu que era ainda mais fácil projetar uma imagem ilusória. E a imagem que ela escolheu criar para si mesma era a de uma garota fútil e inconsequente.

— Está precisando de ajuda, senhorita? — John perguntou, seco, sem se dar ao trabalho e à cortesia de desmontar.

— Estou esperando que alguém me atenda nessa casa. Acho que não há ninguém. — Ela estendeu a mão. — Meu nome é Melissa Yahzoo. Você deve ser John Dalton Hayes.

Melissa teve a certeza de que o cowboy não estava disposto a lhe facilitar a vida quando ele se recusou a cumprimentá-la.

— Desculpe. — Ele empurrou levemente o chapéu com a ponta de um dedo. — Eu estava trabalhando. Minhas mãos estão sujas.

Melissa baixou a mão e teve o cuidado de não demonstrar que havia reconhecido a. tentativa de insulto.

— Bem, acho que as minhas também não estão muito limpas. Seus animais estão empoeirados. Talvez fosse melhor se deixássemos os cumprimentos para uma outra hora. John Dalton olhou para outro lado e ela seguiu o movimento. Três homens haviam surgido perto da cerca.

— Se você puder me emprestar um de seus empregados para me ajudar com a bagagem, eu agradeceria.

John balançou negativamente a cabeça e quando respondeu foi em tom de voz alto o suficiente para que os rapazes o ouvissem:

— Não posso dispor de ninguém no momento.

No mesmo instante os homens se afastaram com seus cavalos e Melissa cogitou que o poder de persuasão de John Dalton Hayes era algo difícil de ser encontrado. Bastava uma insinuação de sua parte para ser obedecido sem questionamentos. Sua prevenção contra ela, porém, a estava magoando, por mais que esperasse por esse tipo de recepção.

— Nós não temos carregadores de malas em Hayes, srta. Yahzoo. Minha governanta cuida dos afazeres da casa e do preparo das minhas refeições. Ela não carrega a bagagem de ninguém, não está à disposição de ninguém e não permite que ninguém se intrometa em sua cozinha.

John Dalton era sutil como um trem de carga, Melissa pensou.

— Muito obrigada por me situar no ambiente, sr. Hayes. Para onde eu devo levar minha bagagem de forma a não incomodar sua governanta, pode me dizer?

John Dalton não hesitou.

— Para a Califórnia. Ela se obrigou a rir.

— Devo admitir que tem senso de humor, sr. Hayes. Gosto disso num homem. — Melissa fez questão de se mostrar insinuante. Para reforçar suas palavras, deu uma volta completa ao redor do cavalo e aplicou um inesperado tapa no joelho de J.D., antes de se encaminhar para o carro.

Quando se pôs a retirar a bagagem do porta-malas e transportá-la até a extensa varanda que circundava a casa em estilo vitoriano, o silêncio pareceu pesar.

Enquanto voltava para o carro a fim de buscar mais bagagem, Melissa arriscou um olhar na direção de John Dalton. Ele continuava no mesmo lugar, perplexo com a ousadia da garota. Ela não havia nem sequer pestanejado diante de sua grosseria.

A única explicação para o calor que irradiou por todo seu sistema nervoso foi que Melissa Yahzoo havia provocado um curto-circuito em seu cérebro. De repente, sua consciência estava culpando-o. Fora rude demais com ela, principalmente por tê-la obrigado a carregar sozinha aquela montanha de bagagem.

Ele desmontou do cavalo no instante em que ela puxava uma caixa grande e pesada. — Eu levo esta. Cuide das menores. Melissa não disse nada, apenas sorriu. Terminado o transporte da bagagem até a varanda, ela tirou os óculos escuros e examinou a casa de dois andares. Seu estilo falava de uma herança forte, essencialmente masculina. Espiou por uma janela. Apenas algumas peças indicavam uma leve influência feminina: um armário envidraçado com louças de porcelana e uma cadeira de balanço na frente da lareira.

Melissa tentou imaginar se algumas das mulheres Hayes haviam conseguido ser reais companheiras de seus maridos e ter voz ativa ao menos no que dizia respeito aos cuidados com o lar. A julgar pela inimizade que existia entre John Dalton e sua ex-esposa, o casamento deveria ter sido um fracasso. Ela sabia o que isso significava. Conhecia a fundo a dor e a frustração de ser relegada a segundo plano.

Melissa voltou à realidade no instante em que John Dalton subiu os degraus, depositou a última caixa ao lado das outras e tirou os óculos escuros. Agora não havia nenhum artifício que ajudasse a suavizar a expressão severa.

Olhos escuros e penetrantes percorreram sua figura da cabeça aos pés. Ela fez o mesmo. John Dalton lhe pareceu uma versão mais jovem do ator Tommy Lee Jones. Sentiu-se imediatamente atraída por ele.

John Dalton não gostou da sensação de estar diante de uma mulher tão linda e feminina. Ele sabia perfeitamente os problemas que isso poderia significar. Sua libido havia sido despertada à visão daquele corpo pequeno e delicado, mas rico em curvas.

O perfume floral o atingia em ondas. Mas foi no momento em que ela tirou o chapéu e a cascata loira e ondulada roçou seus ombros que ele sentiu a garganta ressecar. Em trinta e quatro anos de existência, nunca havia sentido tanto desejo por alguém. Nem sequer por Raylene.

John Dalton respirou fundo e resmungou consigo mesmo. Uma vez fora o bastante. Nunca mais permitiria que a libido falasse mais alto do que o bom senso. A próxima mulher por quem se interessaria, deveria ter os cabelos escuros e nenhuma ambição além de criar meia dúzia de filhos e fornecer tortas para as quermesses da igreja.

Melissa estava hipnotizada pelo olhar insistente de John Dalton. Suas pernas não a obedeceriam

mesmo que as forçasse a caminhar. E sua respiração só voltou ao normal depois que ele parou de fitá-la e focalizou sua atenção na bagagem.

Ela apanhou duas malas pequenas e seguiu-o para o interior da casa. Nunca havia sentido atração por homens fortes e musculosos, mas John Dalton estava impressionando-a muito.

Não percebeu que estava sorrindo até ele se virar no topo da escada. O cenho franzido obrigou-a a apertar os lábios. Por sorte ele se virou novamente e entrou num quarto. O que ela não esperava era que ele fosse estancar abruptamente. Quase colidiram.

Estavam tão próximos que ela sentiu o cheiro de couro e de sol exalado por aquele corpo sólido como um carvalho e quente como uma fornalha.

Ele a encarou.

— No Texas, srta. Yahzoo, as mulheres de respeito não costumam entrar em quartos com homens estranhos.

Melissa largou as malas e sustentou-lhe o olhar com expressão séria, embora estivesse à beira do riso.

— Peço que me desculpe, sr. Hayes. Não pretendia ofendê-lo.

As palavras foram proferidas antes que ela pudesse refletir. De repente, riu de nervoso. Não sabia o que fazer para se recompor. Lembrou-se, por sorte, de que ainda havia bagagem para ser transportada e se apressou a descer para buscá-la.

Ao histerismo seguiu-se uma sensação de desconforto, pois John Dalton a deixou assim que trouxe a última caixa, sem lhe dispensar uma única palavra.

Levando-se em conta a quantidade de malas e caixas que Melissa trouxera para o rancho, os armários foram arrumados em tempo recorde.

O quarto havia sido uma surpresa em comparação com o restante da casa. As paredes eram empapeladas em tom de marfim, os móveis laqueados de branco e a cama era de latão. A cortina e a colcha de babados davam o arremate feminino.

Ela desceu assim que terminou de desfazer as malas e descobriu que John Dalton havia saído, pois seu cavalo não estava mais por perto.

Desapontada com o fato de ter sido abandonada após a recepção que não poderia ser descrita como cordial, Melissa subiu para o quarto e trocou de roupa.

Gostaria de sair e conhecer o rancho, mas sua ousadia não chegava a tanto.

Não fora enganada por ninguém quando adquirira uma parte daquela propriedade. Não só sua advogada, mas também o corretor deram informações suficientes sobre as circunstâncias em que o negócio seria efetuado.

De início ela havia descartado a ideia de comprar uma casa de campo em litígio. Porém, ao saber que um grupo de ambientalistas havia decidido comprar aquele rancho, resolveu empregar todas suas economias em sua aquisição. Melissa deu um profundo suspiro. Desprezava a tática frequentemente usada por seus pais adotivos e acabara imitando-os. Com sua pequena fortuna acabara manipulando pessoas. Seu único consolo era ter feito isso por uma boa causa.

O que não havia antecipado era que John Dalton lhe causaria um impacto tão fulminante. Além da semelhança com um de seus atores favoritos, ele era um homem diferente daqueles a que estava

acostumada. Apesar de suas maneiras ásperas, John Dalton era um cavalheiro, ou não teria acabado ajudando-a a carregar seus pertences. E ele não fora falso. Se havia algo que Melissa desprezava era a dissimulação. John Dalton não vira com bons olhos sua chegada no rancho e não fingira o contrário.

Apesar de ela ter crescido à margem da fama de seus pais adotivos, a maioria das pessoas que se aproximava dela era por interesse. John Dalton não era como os outros. Ele não se importava com a riqueza e com a badalação. Sua vida era a terra, o gado e o petróleo. Pessoas como Jason e Angela Sedgewick não lhe diziam nada.

Talvez John Dalton ainda não soubesse que sua sorte não havia sido tão madrasta, afinal, mas ainda era cedo para informá-lo. No devido tempo ele acabaria ciente de que ela fora a melhor opção entre os outros dois compradores.

O que Melissa mais queria era uma chance para provar que não estava ali de má-fé e para mostrar quem realmente era, embora, às vezes, nem ela mesma o soubesse.

Era uma pessoa de natureza alegre, simples e espontânea, mas as desilusões repetidas acabaram por modificá-la. Havia momentos em que Melissa sentia-se uma farsante.

Essa ambiguidade poderia explicar o modo com que decidira se apresentar no rancho. Sentia uma necessidade imperiosa de conhecer os moradores de Hayes e de ser conhecida por eles antes que seus segredos fossem revelados.

Havia a possibilidade, obviamente, de ela não ser aceita. No instante em que sua identidade fosse descoberta, sua situação poderia se tornar ainda pior.

Na tentativa de afastar a ansiedade que o pensamento trouxe, Melissa se dirigiu à sala de estar. Era desagradável estar sozinha numa casa sem ao menos estar familiarizada com suas dependências.

Depois de examinar rapidamente a sala, Melissa procurou a cozinha. Ela era espaçosa e moderna e estava brilhando de tão limpa.

Melissa colocou o chapéu sobre a bancada de madeira e serviu-se de um copo d'água.

Enquanto fechava a torneira, tornou a considerar os riscos de sua atitude em não contar imediatamente a verdadeira razão que a trouxera ao lugar. Decidiu manter-se firme ao propósito original. Sua família deveria aceitá-la ou rejeitá-la pelo que era, não pela imagem fornecida pela imprensa.

Quantas vezes havia posado ao lado de seus pais adotivos apenas para efeitos de publicidade? Quem poderia desconfiar que por trás daqueles rostos sorridentes não havia amor nem carinho por Melissa?

Ela não suportava mais ser objeto de uma falsa afeição. Não queria que as pessoas fingissem gostar dela apenas para serem consideradas boas e altruístas.

No caso de sua família, não queria que os parentes se sentissem obrigados a gostar dela apenas por causa dos laços de sangue que os uniam.

A porta dos fundos foi aberta e ela se virou, assustada. Quem a visse, pensaria que fora flagrada cometendo um delito, não bebendo um copo d'água. Não queria que a governanta pensasse que ela estava sendo abusada ao invadir sua cozinha.

Mas não era a governanta quem havia entrado, e sim John Dalton.

— Pretende deixar seu carro debaixo das árvores até quando?

O tom de voz foi ríspido mais uma vez, mas Melissa não se deixou intimidar.

— Ele está atrapalhando?

John Dalton deu dois passos, tirou o chapéu e colocou-o sobre o balcão.

— Não a mim, mas os pássaros e as pombas devem estar achando o local interessante. Não se espante se o carro ficar coberto de excrementos — ele respondeu e continuou avançando de forma que Melissa precisou recuar para não ser abordada no trajeto dele à pia.

John pegou um copo no armário, encheu-o com água e se apoiou contra a geladeira. Estava pensando que outra mulher teria se apressado a tirar o carro do lugar que estava, mas não Melissa Yahzoo.

Melissa, por sua vez, estava pensando que o modo de John Dalton falar indicava uma tentativa de humor, embora irônica. Ela tentou ler por trás daqueles olhos escuros e sentiu que o antagonismo não era tão forte quanto pretendia ser. Como gostaria de ser uma adivinha! Como seria bom se pudesse saber o que ele havia comentado a seu respeito com os outros. Se a imagem que ele passara dela era de uma bruxa malvada, seria difícil conquistá-los.

Para disfarçar sua ansiedade, Melissa apelou para sua marca registrada que era o sorriso.

— O que disse sobre mim a seu pessoal, sr. Hayes?

— Apenas o que tinha a dizer — ele respondeu, frio.

— Poderia ser mais... específico?

Uma nota de vulnerabilidade ficou patente na pequena pausa e não passou despercebida a John Dalton. Suas desconfianças aumentaram. Por mais que quisesse, não conseguia entender o porquê de uma socialite da capital do cinema querer comprar um rancho no Texas.

— Claro que sim. Raylene fez questão de espalhar a notícia de que havia esvaziado meus bolsos no processo de divórcio e me tirado um terço do rancho. Os jornais divulgaram a notícia de que ela havia vendido sua parte para alguém de Hollywood. Meu capataz sabia que sua chegada estava marcada para hoje e contou aos companheiros. Eles não falam em outra coisa exceto em seu nome. Para completar, minha governanta ameaçou pedir demissão se tiver de atender as ordens de outro alguém que não eu.

Melissa sorriu. A situação não era tão desesperadora quanto pensara. O orgulho o havia impedido de falar a seu respeito. John Dalton já havia perdido tanto no processo de divórcio que não tivera outro caminho a não ser guardar seus receios para si mesmo.

— E o senhor, sr. Hayes? O que esperava? John Dalton apertou os lábios e não respondeu.

— Eu gostaria de ouvir sua opinião — Melissa insistiu após um momento. — Sr. Hayes?

John Dalton depositou o copo vazio sobre o balcão.

— Eu esperava uma dor de cabeça.

Por alguma razão desconhecida, Melissa não ficou magoada com a resposta dura. Havia algo na expressão do rancheiro que despertou sua compaixão.

— Tentarei não lhe dar nenhuma — Melissa prometeu apesar de que os problemas seriam inevitáveis quando chegasse a hora da revelação.

— Então venda a terra de volta para mim.

— Ainda não — Melissa respondeu e se arrependeu em seguida por ter deixado transparecer o que se passava em sua mente.

— Ainda não? O que quis dizer com isso? — Ele a segurou pelo pulso.

— Que ainda não quero vender o que comprei. No momento certo eu farei minha oferta ao senhor pelo preço justo de mercado.

Uma centelha de luz passou rapidamente pelos olhos de John Dalton.

— Por que não agora?

— Porque quero viver aqui por uns tempos. Ele franziu o cenho.

— Quero meu rancho de volta, por inteiro.

— Eu já disse que o terá, sr. Hayes. Até esse dia, será que poderia me deixar viver aqui em paz?

— Por quê?

— Por que estou lhe pedindo, sr. Hayes — ela respondeu, amável.

— Não tenho obrigação de lhe prestar favores.

A sensualidade que dominou o ambiente fez com que o ar, subitamente, ficasse difícil de respirar. Os dedos de John Dalton ao redor de seu pulso pareciam acariciá-la.

— Não, não tem.

— Mesmo que você seja minha sócia — ele acrescentou, sarcástico.

— E não sua adversária — ela completou. — Não é minha intenção tirar o que é seu. Quero apenas que respeite a lei que garante meu direito de viver aqui. Não pretendo usurpar seus poderes. Você é e continuará a ser o único patrão.

— Lógico que sim.

Melissa não pôde evitar um sorriso a essa altura da conversa.

— O senhor é um tirano, sr. Hayes?

— Um déspota, srta. Yahzoo.

— Poderíamos tentar nos entender, talvez?

— Talvez.

Ele soltou finalmente o pulso de Melissa. Ela se virou e apanhou o chapéu, procurando agir com indiferença.

— O senhor está com tempo disponível para me mostrar ô rancho?

Incapaz de afastar os olhos e de observar cada movimento que ela fazia, J.D. respondeu com um resmungo. Por mais voluptuosa que tivesse sido sua relação com Raylene no princípio, não era nada em comparação com as sensações fogosas que aquela jovem havia lhe despertado.

Se seus instintos não estavam enganados, seu rancho se transformaria num inferno até que Melissa Yahzoo resolvesse ir embora e deixá-lo em paz.

Capítulo 2

Melissa se encaminhou para o pátio seguida de perto por J.D. Ele notou que ela havia trocado a roupa elegante com que chegara por uma calça jeans desbotada, uma blusa marrom simples, botas de couro e por um chapéu preto bastante usado.

Era estranho, mas ela parecia tão à vontade com aquelas roupas quanto com as outras em que chegara.

A curiosidade quase o fez perguntar onde ela havia comprado as roupas de segunda mão e com qual intenção as estava usando, mas preferiu se manter calado enquanto a levava ao estábulo.

Quando lhe fez um breve relato sobre a quantidade de cabeças de gado e de poços de petróleo em funcionamento, ela o ouviu com atenção. Também foi com atenção que examinou os estábulos e cocheiras, todos em ótimo estado de conservação.

Embora John Dalton não falasse com arrogância sobre sua criação, Melissa reconheceu um grande orgulho em seu tom de voz e admirou-o por isso.

Sempre que o surpreendia distraído, aproveitava para observar seu perfil. Quando poderia ter imaginado que acabaria conhecendo um homem como John Dalton Hayes justamente no lugar onde vivia sua família?

John Dalton era diferente de todos os homens que conhecera. Em comparação com os tipos cordiais e gentis de Hollywood, ele podia ser descrito como uma avalanche.

Dinheiro e fama não o impressionavam porque eram coisas passageiras. Para um homem com ambos os pés fincados no chão, o trabalho e o caráter firme eram as medidas a serem consideradas.

O pensamento deixou-a subitamente insegura. Haveria alguma qualidade nela que John Dalton respeitava ou valorizava? A resposta era muito importante, pois se ele não a respeitasse e admirasse, o reflexo seria péssimo em sua família.

O nome de seus pais adotivos era uma porta aberta aonde quer que fosse. O fato de Jason e Angela Sedgewick não lhe terem aberto a única porta que realmente lhe importava, que era a de seus corações, não deveria ser levado em conta. Ela havia ficado famosa, quer quisesse quer não, por meio deles. E a imprensa já havia divulgado diversas notícias sobre a filha rebelde do casal.

Os principais exemplos que ela deu aos repórteres nesse sentido foi a insistência em mudar de nome aos dezoito anos de idade e a determinação em encontrar os pais verdadeiros.

Sua ousadia era um prato cheio para a imprensa. O fato de ser a única filha dos Sedgewick, embora adotada, a colocava em todas as colunas sociais ao lado dos astros e estrelas mais famosos não só de Hollywood, mas do mundo.

Nada disso, entretanto, interessava às pessoas que moravam no rancho Hayes. Ainda não, ao menos. Por enquanto ela era apenas a nova co-proprietária, um lindo fruto de Hollywood com um nome exótico. No dia em que os segredos de Melissa Yahzoo fossem revelados ao público, o escândalo certamente abalaria tanto o rancho Hayes quanto o círculo social dos artistas.

John Dalton disse algo e ela afastou de bom grado os pensamentos. Aquele homem representava um marco em sua vida. O fato de ela não saber o que fazer com essa descoberta era desconcertante.

— Precisamos providenciar aulas de equitação o quanto antes. A não ser, é claro, que prefira ficar descansando o dia inteiro no conforto do lar e do ar-condicionado. Melissa negou com um movimento de cabeça.

— Oh, não, sr. Hayes. Eu vim para cá a fim de participar de tudo.

Ele ignorou a observação. Aquilo era ridículo. Mas preferiu não discutir.

— Nesse caso, as aulas de equitação se tornam ainda mais urgentes.

Melissa tornou a balançar negativamente a cabeça.

— Eu sei montar, J.D.

Ele a fitou de modo bem-humorado. Ela não saberia dizer se fora por causa do uso do apelido ou por duvidar que ela montasse.

— De verdade?

— Julgue por si mesmo — ela o desafiou, encaminhando-se em seguida ao estábulo. — Posso escolher qualquer cavalo?

— Depende.

Ela sorriu e examinou cada uma das baias.

— Este? — Ela voltou para a segunda baia e apontou um cavalo alto, castanho e musculoso.

J.D. concordou com um movimento de cabeça.

— Você mesma terá de selá-lo — ele a preveniu e se afastou em busca de seu próprio garanhão. — Meus homens são cowboys, não pajens.

Melissa ignorou o sarcasmo. Escolheu um cobertor, uma sela e arreios e em poucos minutos preparou o animal. Até que terminasse a tarefa, J.D. havia retornado.

Ele não disse nada quando ela montou, mas a verdade era que estava impressionado com o trabalho rápido e competente que Melissa realizara. E também com sua escolha.

Brute era um cavalo jovem, esperto e dócil. Admirava-se por ela ter escolhido seu segundo cavalo em predileção, principalmente porque não deveria passar de uma amazona de finais de semana.

Satisfeita consigo mesma, Melissa sorriu. Ele não pôde evitar de encará-la. Algo naquela mulher lhe parecia muito familiar, embora não soubesse explicar a razão.

A impressão se tornou mais forte quando saíram do estábulo e se dirigiram aos currais. Teria assistido a algum filme estrelado por ela? Como não era fã assíduo do cinema ou da televisão, não sabia dizer se a reconhecia como atriz. Mas aqueles cabelos louros platinados e aquelas feições perfeitas só podiam sugerir esse tipo de profissão.

Ele se distraiu por um momento. Quando tornou a fitá-la, viu-a debruçada sobre o pescoço do cavalo, afagando-o e lhe sussurrando ao ouvido:

— Está pronto?

Como nunca a vira montar antes, J.D. não confiou inteiramente em sua palavra quanto a ser boa amazona. Pretendia acompanhá-la de perto. Por mais que quisesse se ver livre de sua presença e ter o rancho inteiro de volta, não permitiria que ela se machucasse.

Quanto a colaborar para que se cansasse o suficiente para ir embora o quanto antes, ele faria todo o possível. Se Melissa Yahzoo era uma amazona de finais de semana, como pensava, após quatro horas de cavalgada seu corpo ficaria moído.

Melissa Yahzoo era uma amazona perfeita, J.D. concluiu. Ele estava cansado, banhado em suor e pó quando chegaram ao refeitório na hora do jantar. Melissa, ao contrário, estava com a roupa seca e o pó do Texas apenas tocara de leve sua pele.

No momento em que ele sugeriu que parassem para darem água aos cavalos, ela apeou e surpreendeu-o, lavando o rosto, as mãos e o pescoço no mesmo reservatório usado pelos animais.

O gesto não combinava com a imagem de uma socialite, mesmo que soubesse representar o papel de fazendeira. Para aumentar sua perplexidade, Melissa continuava a conversar a seu lado e a elogiar Brute e o rancho como se tivesse acabado de se levantar após uma tranquila noite de sono.

J.D. se recusou, porém, a admitir que poderia estar errado a respeito da jovem californiana. Ela acabaria se cansando de cavalgar. No prazo de uma semana ficaria entediada com a vida em Hayes e morreria de saudade de uma casa cheia de criados prontos para servi-la. A agitação social de Hollywood a chamaria de volta. Hayes e sua vizinhança, afinal, não tinham nada a oferecer em matéria de festas e entretenimentos culturais.

J.D. sentiu-se um pouco melhor com esse pensamento e com a lembrança de que aquele era o dia de folga de Carmelita. Se não quisesse passar fome, Melissa teria de se contentar com um jantar no refeitório junto com os empregados.

Ele não via a hora de presenciar a cena. A jovem socialite sentada à mesa entre um bando de homens sem nenhum conhecimento de etiqueta, diante de um prato de carne com batatas.

Dez homens já estavam sentados à mesa quando chegaram ao refeitório. Ao verem Melissa, levantaram-se num único movimento.

J.D. tirou o chapéu e pendurou-o num gancho junto aos demais antes de apresentá-la.

— Rapazes, esta é a srta. Melissa Yahzoo. A srta. Yahzoo jantará conosco esta noite.

Se ele esperava que Melissa fosse se mostrar constrangida, estava enganado mais uma vez. Assim que tirou o chapéu, ela estendeu a mão e cumprimentou um por um, com um sorriso. Sem esperar que ele anunciasse os nomes, ela mesma os perguntou. E não demonstrou nenhuma pressa. Deteve-se diante de cada um e também perguntou o que faziam no rancho e se tinham família. J.D. se colocou à cabeceira da mesa, mas não se sentou até que Melissa o fizesse.

A chegada do cozinheiro com uma imensa travessa de bifes provocou um súbito silêncio.

— Como vai, sr. Coley? É esse seu nome, não? Eu ouvi um dos rapazes chamá-lo. Gostaria de cumprimentá-lo pela escolha do cardápio. Os pratos não poderiam ser mais apetitosos. Bifes, batatas, pão caseiro, quatro tipos de saladas e pêssego em calda para a sobremesa além de torta de maçã, se o cheiro não me engana.

O cozinheiro enrubesceu.

— Não precisa me chamar de senhor, srta. Melissa. Apenas Coley. Acertou sobre a torta de maçã. Eu pretendo servi-la com o sorvete de baunilha que eu mesmo fiz, se é que a senhorita não tem medo de engordar.

Melissa sorriu.

— Desde que você não exagere na quantidade, acho que não me fará mal. Adoro sorvete.

— Eu costumo preparar um sabor diferente quase todos os dias.

— Oh, eu estou perdida! — Melissa exclamou.

J.D. riu com os outros e seguiu-a com o olhar até que se sentasse a seu lado direito no espaço que os homens haviam deixado.

Melissa Yahzoo era realmente uma mulher incrível. Apesar de linda e rica, não era uma esnobe. Seus homens gostaram dela à primeira vista. Isso era óbvio.

Apesar de possuir um corpo pequeno e esguio, Melissa serviu-se de uma porção generosa de comida e parecia estar acostumada a dividir as travessas com outras pessoas, passando-a imediatamente ao vizinho. Mais tarde, quando Coley trouxe as tortas e o sorvete, Melissa tornou a se servir e não deixou uma única migalha no prato.

Quando saíram do refeitório, Melissa parecia muito satisfeita. J.D., contudo, parecia ainda mais taciturno. Melissa havia sido um sucesso entre seus homens e ele estava se sentindo ainda mais atraído por ela.

Melissa era uma curiosidade. Embora nova no ambiente e estranha àquele modo de vida, ela conseguia se adaptar a tudo com uma facilidade impressionante. Ou, então, sabia fingir como ninguém. Uma pergunta o tirou do mutismo.

— O capataz não estava entre os rapazes, estava? Eles haviam chegado ao terraço e J.D. abriu a porta antes de responder.

— Meu capataz não mora no rancho, mas próximo à estrada. Tem um filho e uma filha e faz suas refeições com eles. Estará se apresentando para o trabalho amanhã bem cedo. Poderá vê-lo se gosta de madrugar.

Melissa precisou se controlar para não demonstrar a ansiedade que a dominara à primeira menção do capataz e de seus filhos. Ela havia passado a tarde inteira e também o jantar em suspense caso alguém mencionasse o nome de Jess Everdine. Como ninguém se lembrara dele, fora preciso forçar o assunto. Estava aliviada. Faltava apenas esclarecer a insinuação.

— Sr. Hayes, a menos que eu tenha me esquecido, seus homens não são camareiros nem carregadores de malas nem pajens. Se eu quiser ter direito ao desjejum, acho que deverei estar de pé à mesma hora que eles...

J.D. fitou-a da cabeça aos pés.

— O que há de mal nisso? Não disse que queria se familiarizar com a vida no rancho?

— Não há nada de mal. Se há alguém que pensa que eu não sou capaz disso, em breve mudará de ideia.

Ela deu uma piscada enquanto pendurava o chapéu ao lado do dele, na cozinha. J.D. sentiu o sangue fervilhar nas veias. Aquela mulher era como um fio de alta tensão.

— Vou subir para meu quarto. Você me dá licença?

— Boa noite — ele respondeu e acompanhou seus movimentos. Não esperava que ela fosse se virar no primeiro degrau e dar um sorriso que nada tinha de insinuante ou comercial.

— Obrigada por ter permitido que seus homens me conhecessem e formassem suas próprias opiniões a meu respeito.

J.D. não teve como retrucar. Havia sinceridade naquelas palavras e a inteligência que ela transmitia naqueles lindos olhos azuis o pegou desprevenido. A seriedade parecia ser o lado verdadeiro daquela garota que vivia distribuindo sorrisos. De repente J.D. se viu pensando que Melissa Yahzoo era muito mais do que deixava transparecer no primeiro momento.

Palavras como glamour e falsidade não combinavam com a forte impressão de vulnerabilidade que ele sentira ao ouvir seu suave boa-noite.

Naquela noite, J.D. puxou a coberta e se atirou na cama completamente exausto. A chegada de Melissa e a tarde sob o sol haviam minado suas forças. Mas ele estava inquieto demais para conciliar o sono.

Pela primeira vez em anos estava contando os minutos para que o dia seguinte chegasse. Desde que se separara de Raylene sua vida havia se resumido em muito trabalho e nenhuma diversão. Não só porque precisava esgotar sua raiva no trabalho duro, mas também porque precisava se castigar pelo erro que cometera em se casar com uma mulher que nada tinha em comum com ele.

Encontrara plena satisfação em se esforçar aos limites, em negar suas necessidades emocionais e em testar sua capacidade física e mental. Não precisara de outros tipos de emoções para temperar sua nova existência. Não precisava disso agora tampouco.

Ao mesmo tempo que tentava imprimir essa ideia em sua mente, a imagem de Melissa com seus cabelos loiros e ondulados e seus maravilhosos olhos azuis se formou ante seus olhos.

Melissa Yahzoo era uma mulher diferente. A energia e o humor contrastavam com a sobriedade latente. Ela o fascinava. Era um oásis no deserto de sua existência. J.D. praguejou naquele momento e deu um soco no travesseiro. Não era um adolescente. Não podia se abandonar a fantasias. E a culpada pela sua noite insone era unicamente Melissa Yahzoo. Fizera uma infinidade de planos para afastá-la do rancho logo que chegasse. Não imaginara que ela fosse reverter a situação nas primeiras horas.

Depois de dar mais um soco no travesseiro, J.D. acabou se abandonando ao torpor. Assim que amanhecesse, tomaria as devidas providências. Era o patrão do rancho Hayes, afinal, e dono de seu nariz. Não permitiria que Melissa Yahzoo continuasse a perturbá-lo. Desapareceria de vista durante a maior parte do dia. Quando ela acordasse, ele já estaria bem longe.

Capítulo 3

Melissa não ouviu a governanta chegar na noite anterior. Surpreendeu-se, portanto, ao vê-la ocupada em colocar um bolo no forno, quando desceu para a cozinha.

— Buenos dias, señora—Melissa cumprimentou, da porta. A mulher quase deixou cair a forma.

— Desculpe, señora. Não queria assustá-la.

— Sabe que horas são? — a mulher indagou com o cenho franzido.

Melissa procurou um relógio nas paredes da cozinha. Como não encontrasse nenhum, tentou adivinhar.

— Acho que são cinco e cinco. Estou atrasada? — Ela sorriu, mas o modo quase indignado que a governanta a fitava fez com que o sorriso logo se apagasse. — Acordei cedo demais?

— É á sócia do sr. Hayes?

Melissa depositou a mochila numa das cadeiras, atravessou a cozinha e apertou a mão da mulher.

— Meu nome é Melissa Yahzoo, mas pode me chamar de Melissa apenas. Muito prazer em conhecê-la.

Carmelita apertou a mão de Melissa distraidamente a princípio e depois com vigor.

— É estrela de cinema?

Melissa negou com um gesto de cabeça.

— Tive um pequeno papel num filme juvenil de terror aos dezenove anos e fiz alguns comerciais para a televisão.

Melissa torceu para que Carmelita tivesse satisfeito sua curiosidade. Não pretendia mencionar o nome dos Sedgewick ainda. Estava ciente de que não poderia continuar escondendo a verdade por muito tempo mas seu egoísmo exigia ao menos alguns dias para ser aceita pelo que era, não pelo que o nome de seus pais adotivos representava. O que Melissa não esperava era que Carmelita fosse lhe fazer uma pergunta como aquela:

— Yahzoo é seu nome de família ou é nome artístico? Melissa tentou se esquivar dizendo que ela havia inventado o nome, mas Carmelita não se deu por satisfeita:

— Qual é seu sobrenome verdadeiro, senhorita?

— Sedgewick — Melissa murmurou após um instante de hesitação. — Meu nome completo é Spenser Trevyn Sedgewick.

Melissa incluiu o primeiro e também o nome do meio na esperança de que isso fosse distrair Carmelita quanto ao sobrenome. Uma vã esperança.

A mulher assobiou e segurou ambas as mãos de Melissa.

— É filha de Jason e de Angela Sedgewick? — A excitação de Carmelita foi tão grande que ela se esqueceu de continuar falando em inglês e empregou o espanhol.

Passados alguns instantes, Carmelita olhou para Melissa como se estivesse muito surpresa.

— Por que não gosta de usar o nome de sua família? Melissa deu um pequeno sorriso.

— Aos dezoito anos, eu resolvi que ele não tinha nada a ver comigo e mudei-o.

A governanta levou uma das mãos ao peito e apertou os lábios.

— Isso não é bom. Não é correto negar os próprios pais.

— Talvez esteja certa — Melissa respondeu, cabisbaixa. — Tomei essa atitude por rebeldia. Mas o que fiz acabou agradando meus pais. Eles ficariam horrorizados se o nome dos Sedgewick aparecesse nas telas por ocasião do lançamento daquele filme sobre o qual lhe falei.

Antes que a conversa prosseguisse, uma voz forte e grave interrompeu-as:

— Por que não voltou a usar o nome deles quando superou a fase de rebeldia?

J.D. entrou na cozinha e se dirigiu à cafeteira sem esperar pela resposta.

— Talvez eu nunca a tenha superado. Ainda acho o nome Spenser Trevyn Sedgewick esnobe e elitista.

— Pode ser, mas que Melissa Yahzoo não fica atrás, você não pode negar.

— Não concordo que ele seja esnobe, sr. Hayes, mas sim engraçado. Ele me ajuda a não levar meus problemas demasiadamente a sério.

Ela hão deu chance para que J.D. continuasse com a interrogação.

— Posso ajudá-la, señora? Eu sei cozinhar.

O oferecimento pareceu suavizar a atmosfera. Carmelita agradeceu, mas dispensou-a.

— Aposto que o patrão já escalou-a para serviços mais pesados. Aproveite para descansar enquanto ainda está fresco.

J.D. e Melissa se entreolharam ao se sentarem.

— Está pretendendo me deixar arrebentada antes que o dia termine, por acaso? — Melissa indagou em tom de desafio.

— Absolutamente — J.D. respondeu, impassível. — Pela simples razão de que não pretendo lhe dar nenhum trabalho.

— Mas eu quero trabalhar! Foi isso que quis dizer quando afirmei que pretendia participar de tudo.

— Sei muito bem o que você quis dizer — ele declarou e abriu o primeiro caderno do jornal. — Mas o trabalho num rancho é duro, sujo e perigoso.

Melissa colocou ambas as mãos na cintura.

— Ora, John Dalton, não é do tempo em que os homens consideravam as mulheres frágeis demais para trabalhar, é?

— Acontece que sou, e tenho orgulho disso.

Melissa ouviu Carmelita resmungar. Olhou em sua direção mas ela estava de costas, grelhando dois filés.

— Como sugere que eu passe meu dia, então? — Melissa insistiu.

— Passeie a cavalo, nade, pinte as unhas, aumente minha conta telefônica, faça o que quiser, desde que não me atrapalhe.

Assim que terminou de falar, J.D. fingiu intensa concentração na leitura. Melissa não soube se ria

ou se ficava zangada. Era óbvio que ele não estava prestando atenção nas notícias. Seus olhos não se moviam. Foi por isso que ela não protestou de imediato. Teria muito tempo para provar não apenas que estava familiarizada com a rotina de um rancho, mas que era competente. Antes disso, queria ver Jess Everdine e seus filhos.

O desjejum foi servido em poucos minutos e Melissa comeu com apetite. Precisava estar bem alimentada para enfrentar o dia.

Interceptou vários olhares sombrios por parte de J.D. no decorrer da refeição e devolveu-os sempre com sorrisos. Apenas no final, resolveu esclarecer o significado daquele comportamento.

— Alguma coisa o está incomodando, J.D.? A resposta foi imediata.

— Você.

— Eu?

— O que pretende fazer o dia inteiro? Ela não pôde resistir.

— Dar um passeio com Brute, nadar, pintar minhas unhas, aumentar sua conta telefônica. Acima de tudo, procurarei não ficar em seu caminho, John Dalton. Faça o que tem de fazer e esqueça que eu existo.

Melissa se levantou e olhou para Carmelita.

— Obrigada, señora. É uma excelente cozinheira. Carmelita agradeceu e J.D. se levantou.

— O que está levando nessa mochila? — ele quis saber quando a viu pendurando-a em seu ombro.

Ela tentou ignorar o tom autoritário. Abriu um zíper e mostrou a bússola, o mapa da região, um kit de primeiros socorros, filtro solar, luvas e um copo descartável. Depois abriu outro zíper e expôs uma garrafa térmica, um pacote com sanduíches e duas barras de cereais com mel.

— Só falta encilhar o cavalo e montar, não acha? — Melissa indagou.

— Não se afaste muito da sede — J.D. respondeu. — Dá muito trabalho organizar uma equipe de busca. E fique longe do gado. Se abrir uma porteira, feche-a em seguida. Não volte tarde.

— Eu desistiria do passeio para ajudar no rancho. Quais são seus planos para hoje?

— Em primeiro lugar vamos transferir o gado de um pasto para outro. Não é trabalho para mulheres.

Melissa sorriu com malícia e abriu a torneira da pia para encher a garrafa térmica.

— Talvez você precise ver com seus próprios olhos o que esta mulher é capaz de fazer.

J.D. olhou para a mochila e respirou fundo.

— Está bem. Pode vir comigo. Mas se me atrapalhar ou aos rapazes, a mandarei para casa.

— É justo.

J.D. saiu em seguida e ela correu para o carro.

Ele não disse nada quando a viu retirar um par de esporas do porta-malas, mas a visão de uma corda o tirou do mutismo.

— Onde conseguiu essa corda?

— Comprei-a.

— Pode guardá-la no celeiro.

Melissa não discutiu, mas ajeitou-a na sela de Brute ao lado de sua mochila enquanto J.D. estava distraído, dando ordens aos quatro empregados que seguiriam com eles ao pasto.

Até que saíssem, a corda havia sido esquecida. O que estava ocupando a mente de Melissa era o fato de que em poucos minutos estaria se encontrando com o capataz, segundo J.D. informara.

Eles já estavam distantes da casa quando J.D. lhe chamou a atenção.

— Pensei que tivesse mandado que deixasse a corda no celeiro.

Melissa deu de ombros.

— Achei que você não sabia que eu estou acostumada a manusear cordas. Não disse que iríamos transferir o gado de um pasto para outro?

— Eu não a incluí no grupo. O que uma mulher como você pode saber sobre esse tipo de trabalho? Estou avisando: ou você mantém essa corda na sela, ou eu ficarei com ela.

Foi impossível conter o rubor, principalmente porque a repreensão alcançara os ouvidos dos outros homens.

Prosseguiram em silêncio até o local que era montanhoso e extenso. Melissa examinou-o e soube que a tarefa de encontrar o gado seria um desafio pois havia muitos vales entre as colinas.

Ela firmou o chapéu sobre a cabeça e olhou para J.D. — Em que direção seguiremos? J.D. indicou o sul.

Atrás da primeira colina encontraram oito cabeças de gado e ela cuidou para que Brute se mantivesse afastado enquanto J.D. e os homens conduziam os animais no sentido desejado. Por hora, ela o obedeceria. Mais tarde ele teria uma surpresa e também os outros homens.

Desde os nove anos de idade Melissa passava as férias em ranchos no Colorado, Texas, Wyoming ou Montana. Seus pais detestavam a vida em lugares desse tipo, mas ao menos nunca haviam se importado em lhe proporcionar viagens e acampamentos de acordo com sua preferência. Afinal não lhes faltava dinheiro para contratar acompanhantes.

Ela ainda era criança quando descobrira que sua mãe biológica havia crescido num rancho. Angela nunca tomara muito cuidado com seus comentários a respeito das origens da "pequena Spenser". Foram diversas as vezes que ela reclamara com o marido sobre sua escolha de uma criança pobre para adotarem.

A procura pela mãe, portanto, tivera início desde sua infância. Verão após verão Melissa pedia para conhecer um novo rancho. Em cada um ela procurava um rosto parecido ao seu. Em sua inocência, acreditava que reconheceria a própria mãe no instante em que a visse.

— Saia do caminho! — O grito de J.D. arrancou-a do devaneio a tempo de se proteger da investida de um dos touros. Brute se assustou. Ela o controlou e em seguida pôs-se, automaticamente, a perseguir o animal em busca de desforra. De uma forma quase inconsciente, puxou a corda e laçou o touro pelo pescoço. Ele se virou, surpreso. Com calma, Melissa o levou de volta a J.D. e ao restante do gado.

Alguns minutos se passaram e duas outras cabeças se puseram a correr em direção à colina mais próxima. Ela correu e trouxe-as de volta.

J.D. estava ocupado demais para notar o que Melissa estava fazendo e, portanto, impedi-la de

continuar.

Quando outras três cabeças tentaram fugir dos limites do rancho, ela esporeou Brute. O cavalo reagiu instantaneamente, correndo em grande velocidade. Foi uma outra vitória. Sem nenhuma dificuldade, Melissa as trouxe de volta.

Estava satisfeita consigo mesma. O segredo de lidar com gado era tratá-lo com firmeza e sem alardes. Os maiores aliados nessa tarefa eram os cavalos. Outro segredo era não cansá-los além de seus limites de resistência.

J.D. estava surpreso demais para se zangar com Melissa pelo uso da corda. A garota montava como uma profissional e parecia experiente no trato com os bois.

Não havia usado a corda numa tentativa de desafiá-lo. Ela realmente sabia o que estava fazendo.

Até que chegassem à parte sul do rancho, haviam reunido trinta cabeças. J.D. abriu a porteira para que o gado passasse para o outro lado. Terminada a transferência, fechou o portão e se reuniu novamente ao grupo.

A manhã transcorreu num piscar de olhos com as buscas por todos os vales até que o número de cabeças encontradas estivesse de acordo com a quantidade calculada.

O grupo estava voltando para a sede do rancho quando J.D. finalmente falou.

— Esse é um dos passatempos diários das atrizes e personalidades de Hollywood? Quantas cabeças elas conseguem laçar pelos gramados de Beverly Hills?

Melissa riu da pergunta. Era a primeira vez que J.D. a tratava com camaradagem. Sua atitude em relação a ela havia melhorado consideravelmente.

Da mesma forma que lhe chamara a atenção em voz alta, pela manhã, para envergonhá-la perante os homens, fizera o mesmo para elogiá-la. Ela entendeu aquilo como um pedido de desculpa.

— Não muitas — Melissa respondeu e sentiu, de repente, uma vontade enorme de lhe contar algo sobre sua vida. — Acontece que eu sou uma socialite que gosta da vida nos ranchos. Desde criança, pago pelo privilégio de trabalhar com bois e cavalos em minhas férias de verão.

Um dos homens deixou escapar um assobio de admiração. Em seguida corou.

— Desculpe, srta. Melissa. É que a senhorita fez um ótimo trabalho hoje.

— Obrigada, Gus. — Ela respondeu com um sorriso. — Seu comentário significa muito para mim. Afinal você conhece bem esse trabalho.

A sensação de contentamento, porém, durou apenas até que alguns galpões surgissem a distância. Sua família provavelmente estava por perto. Se o capataz de J.D. fosse realmente seu pai natural, ela o conheceria em questão de minutos.

A ansiedade apertou seu peito. Assim que as pessoas daquele rancho soubessem quem era e percebessem a extensão do problema que estava trazendo a Hayes, seria uma sorte se tornassem a lhe dirigir a palavra.

J.D. notou imediatamente a súbita mudança que se operou em Melissa. Os sorrisos tornaram-se mais frequentes e vazios e sua expressão estava forçada. Ele percebeu também que as mãos que seguravam as rédeas de Brute estavam trêmulas. Alguma coisa estava acontecendo e ele não conseguia imaginar o que era.

— Sr. Hayes? — chamou uma voz infantil de um dos estábulos.

Melissa sentiu um impacto. Virou-se e olhou para o menino de cerca de dez anos que se aproximava de J.D.

— O senhor disse que iria pensar no assunto. Será que eu já posso começar a construir minha casa na árvore? — O menino tirou um papel do bolso da calça e desdobrou-o. — Eu desenhei a casa como o senhor pediu.

J.D. apanhou o pequeno projeto e examinou-o. Enquanto isso, o menino o observava num misto de ansiedade e esperança.

Melissa não conseguia afastar os olhos de sua figura.

O menino era forte, de altura mediana. A camisa xadrez e a calça jeans estavam empoeiradas. O chapéu estava colocado de lado e algumas mechas do cabelo loiro-escuro caíam sobre a testa.

Ela não precisou saber o nome do menino para ter certeza de quem ele era. Bastou ouvir-lhe a voz e examinar suas feições. Pela primeira vez em vinte e três anos, ela estava diante de alguém de sua própria carne e sangue.

Melissa precisou encostar contra a parede para dominar a súbita tontura. A busca de uma vida inteira havia terminado na forma de um garoto.

A dor que tanto a atormentara de nunca ter tido a chance de conhecer sua mãe de repente não parecia mais tão terrível. A onda de amor e carinho que envolveu seu coração naquele instante chegou a lhe roubar o fôlego.

Deslizou para o chão forrado de palha e lutou contra o turbilhão de emoções que ameaçava sufocá-la. Com grande força de vontade dominou seus sentimentos e se obrigou a sorrir e a vestir novamente a máscara.

J.D. a viu assim que saiu do estábulo e chamou-a. O menino se virou e emudeceu, corado.

Melissa fechou a porta do estábulo e tentou se comportar com naturalidade. Sabia que J.D. notaria qualquer mudança. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguiu dominar o rubor que estava tingindo suas faces.

— Olá. Posso saber seu nome?

— Este é Bobby Everdine — J.D. respondeu pelo menino. — É o filho de meu capataz. — Em seguida, com a mão sobre o ombro de Bobby, ele a apresentou: — Esta é a srta. Melissa Yahzoo.

Melissa estendeu a mão e o menino apertou-a.

— Prazer em conhecê-la, madame — ele disse ainda mais corado.

— Será que eu ouvi bem? Você está construindo uma casa na árvore? — ela indagou.

— Ainda não. Antes eu preciso da autorização do sr. J.D. Melissa se virou para o sócio decidida a tomar o partido do garoto.

— Todos os meninos devem ter uma casa na árvore, John Dalton.

Ele não respondeu por um minuto. Depois olhou novamente para Bobby.

— O que seu pai diz sobre isso?

— Ele disse que é o senhor quem decide pois a árvore é sua.

Como se pressentisse que a autorização estava próxima, os pequenos olhos azuis brilharam de alegria.

— Onde pensa conseguir a madeira e os pregos? — J.D. perguntou em seguida.

— Sobraram muitas tábuas quando construíram o novo galpão e eu tenho economizado minhas mesadas para comprar os pregos.

J.D. balançou negativamente a cabeça e Melissa sentiu uma onda de indignação crescer dentro do peito até ele continuar:

— O mato cresceu muito ao redor do depósito de máquinas. Se você limpar o terreno, eu lhe dou todas as tábuas e pregos que precisar. Se prometer cuidar das ferramentas e devolvê-las ao seu lugar quando terminar de usá-las, pode pegar o que for necessário.

O menino deu um pulo de alegria. Em seguida apertou a mão'de J.D.

— Obrigado, sr. Hayes. Vou começar a cortar o mato agora mesmo.

Ele se pôs a correr em direção ao galpão. De repente parou e olhou para Melissa.

— Foi um prazer conhecê-la, madame.

A corrida prosseguiu e Melissa não pôde evitar que sua garganta se fechasse de emoção.

— Você é um bom homem, John Dalton Hayes. — Ela apertou ligeiramente o braço dele num gesto amigável. — Que acha de me levar para almoçar agora? Estou faminta.

J.D. não se deixou enganar pelo sorriso que Melissa lhe deu. Não queria esquecer o que havia testemunhado. Apesar da aparência glamourosa e do charme que vivia esbanjando, Melissa era uma garota melancólica. Para um homem que fora quase destruído por uma mulher que detestava seu estilo de vida, a ideia de ter outra que compartilhava dos mesmos gostos era por demais tentadora.

Capítulo 4

Você pode guardar seu carro na garagem, se quiser. Melissa olhou para J.D., ainda emocionada devido ao breve encontro com seu irmão. A ansiedade em conhecer seu pai e sua irmã aumentava a cada segundo.

— Obrigada. — Ela agradeceu e sorriu. — Para ser sincera, eu havia me esquecido dele por completo.

— É um carro moderno e luxuoso. Não deve faltar agitação em sua vida, srta. Hollywood.

Ele não poderia estar mais enganado, Melissa pensou. Excesso de dinheiro às vezes projetava essa falsa imagem sobre as pessoas.

— Isso a incomoda? — J.D. indagou, surpreendendo-a com sua capacidade de observação.

Talvez houvesse chegado o momento de dizer ao menos uma parte da verdade, mas a covardia impediu-a. Como de costume, limitou-se a esboçar um lindo sorriso.

— Estou com muita fome, John Dalton. Vou guardar o carro antes que o almoço esfrie.

Estavam se aproximando do local e Melissa tirou a chave do bolso da calça. Quando olhou em direção ao carro, viu uma garota de cerca de dezessete anos ao lado dele. Ela usava jeans e uma camiseta branca. O chapéu preto estava preso por um cordão e solto sobre os ombros.

O tom de loiro de seus cabelos era o mesmo que Melissa possuía antes de clareá-los.

Invadiu-lhe a alma a mesma certeza que tivera ao ver Bobby. Estava olhando para outro alguém de sua mesma carne e sangue.

Com os olhos brilhantes de emoção, Melissa notou que Rebecca, sua irmã, possuía os mesmos traços fortes que ela vira na foto de sua mãe quando ainda cursava o colégio.

— Gostou dele? — Melissa perguntou.

— É fantástico. É seu? — a garota perguntou, entusiasmada.

Melissa assentiu e esperou que J.D. fizesse as apresentações.

— Beky Everdine, esta é a srta, Melissa.

— Melissa apenas. Esqueça as formalidades. Muito prazer em conhecê-la, Becky. O sr. Hayes acabou de me oferecer um lugar em sua garagem. — Melissa estendeu a chave. — Gostaria de guardá-lo para mim?

Becky consultou J.D. com o olhar antes de mirar a chave como se ela fosse um fruto proibido. Em seguida, balançou a cabeça negativamente.

— Eu não conseguiria.

— Por quê? Não tem carta de habilitação?

— Tenho, mas não me atrevo a dirigi-lo. Poderia arranhar a pintura ou fazer alguma outra bobagem.

— Eu tenho seguro e não sou fanática por causa de amassadinhos e arranhões. Afinal, é apenas um carro.

— Mas que carro! — Becky exclamou.

Elas riram e Becky acabou aceitando o oferecimento.

— Vá em frente e deixe a chave no contato para que eu não corra o risco de esquecer onde a deixei, como tantas vezes já aconteceu.

Becky deu de ombros e sorriu.

— Se você insiste... está bem!

Melissa manteve o sorriso enquanto tentava gravar em sua mente cada movimento que a irmã fazia. J.D., a seu lado, permaneceu em silêncio.

Becky entrou no carro, examinou detalhadamente o painel e tocou os bancos de couro antes de ligar o motor. Olhou para Melissa, então, e sorriu. Em seguida avançou bem devagar com o carro.

Melissa estava tão distraída em observar os movimentos da irmã que não percebeu a aproximação.

— Essa menina está com a cabeça no mundo da lua desde que viu esse carro conversível vermelho no pátio. Melissa estremeceu ao olhar para o homem alto a poucos metros de distância. Ele tinha os cabelos louro-escuros e a pele bronzeada. Usava um chapéu de abas largas. Apesar de ele ocultar boa parte das feições, Melissa percebeu que a expressão era alegre e cordial. Os olhos eram azuis como os dela, embora um pouco mais escuros.

Ninguém precisaria lhe dizer que aquele era Jess, o pai de Bobby e de Becky. A probabilidade de ele também ser o seu, fez com que seu coração disparasse no peito. De repente, Melissa sentiu que havia chegado em seu limite. Semanas a fio de esperanças, uma vida inteira de mágoa e carência afetiva, as emoções poderosas que a levaram até aquele lugar. Tudo pelo que esperara, tudo pelo que rezara estava ali, naquele exato momento.

Um medo súbito de que aquele homem pudesse proibir seu relacionamento com os únicos parentes que tinha, somado à turbulência emocional daquela manhã e do dia anterior a dominaram.

A voz firme de J.D. ao apresentá-la a Jess Everdine penetrou através de nuvens de insegurança e de incerteza. — Prazer em conhecê-la, srta. Melissa — Jess estendeu a mão.

Melissa aceitou-a e murmurou as palavras de praxe, sem capacidade para mais nada. Olhou nos olhos dele desesperada por encontrar algo como reconhecimento e aflita, ao mesmo tempo, para que ele não a reconhecesse.

Apenas ela queria olhar para aquele rosto curtido pelo sol e encontrar algum sinal de que ele era seu pai. Afinal, poderia ter sido o fruto da intimidade de sua mãe com outro que não fosse seu namorado dos tempos do colégio.

Eles soltaram as mãos, mas ela não conseguiu afastar os olhos daquele rosto. Sua impressão foi a de estar diante de uma pessoa direita e honesta. A forma que ela encontrara para se aproximar dele e da família de repente lhe pareceu monstruosa.

Viera parar naquele rancho sob um falso pretexto, determinada a satisfazer seu ego conquistando o amor e a aceitação de seus parentes naturais antes de lhes contar quem era. Nesse instante, num momento de terrível lucidez, Melissa enxergou a fraqueza de seu caráter. A verdade era que nunca pensara em dar uma 'oportunidade ' justa nem a Jess nem aos filhos dele para gostarem ou não de tê-la entre eles. Seu coração carente de amor estava tão obcecado em conquistá-los que ela não hesitara diante de nada para conhecê-los. Nem em usar J.D.

Olhou para o sócio ansiosa para que ele se despedisse de Jess e mencionasse que o almoço deveria estar esfriando.

— Vocês devem estar famintos — Jess disse, como se tivesse adivinhado seu pensamento. — Não quero prendê-los mais. Vou dar uma olhada nas crianças e pegar a estrada. Ligarei assim que chegar a Ft. Worth. Se as crianças aprontarem alguma coisa, sabe o que fazer. Melanie virá dormir com eles até meu regresso.

J.D. fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Elas ficarão bem. Tenha uma boa viagem.

— Obrigado.

Em seguida, Jess olhou para Melissa e tocou o chapéu com a ponta do dedo em despedida.

Os pensamentos fervilhavam na mente de Melissa. Havia encontrado sua família por fim e agora não sabia o que fazer.

Como reuniria coragem para encarar Jess Everdine e dizer a ele quem realmente era? O que a fizera pensar que poderia comprar o amor deles? E depois? Por acaso seria certo lançar a bomba da verdade sobre eles quando tivesse sido aceita? Não teria sido muito mais humano e simples escrever uma carta explicando a situação? Ou então telefonar? Não teria sido muito mais digno de sua parte confessar a eles que sua busca secreta havia sido descoberta e que seus nomes e endereço em breve seriam publicados na biografia não autorizada dos Sedgewick?

Não agira bem com eles. E tudo por causa de sua necessidade egoísta de conhecê-los antes e de ser aceita incondicionalmente. O fato de ter se intrometido no rancho Hayes também não havia sido nobre de sua parte. Ela não havia pensado nem por um minuto sequer que sua chegada como sócia de J.D. colocava Jess numa posição de subordinado.

Todos os planos de sua vida lhe pareceram desprezíveis naquele instante.

Sem esperar por J.D., Melissa entrou na cozinha e procurou o lavabo. Trancou a porta, tirou o chapéu e lavou o rosto na água fria por diversas vezes. Não parava de tremer embora o calor a sufocasse. Por fim colocou ambos os pulsos sob o jato d'água e respirou fundo até se acalmar o suficiente para enfrentar os olhares de J.D. e de Carmelita.

Melissa tinha medo de não conseguir sobreviver à tarde. Quando mais precisava de tempo e solidão para refletir, J.D. parecia determinado a lhe mostrar o rancho do começo ao fim.

No final da noite, depois de tomar uma ducha e se deitar, sentiu-se grata a ele por ter lhe proporcionado aquela maravilhosa fadiga.

Continuava chocada com o tremendo erro que cometera e que não parecia ter conserto. O único caminho que ela conseguia enxergar pela frente era o de prosseguir com a o plano e conviver por algum tempo com seus irmãos sem forçar a situação. Assim que Jess retornasse de Ft. Worth, ela o procuraria, contaria a verdade e se ofereceria para ajudá-lo no que fosse possível para minimizar os problemas que a publicação da biografia de Jason e de Angela lhes traria.

Talvez não houvesse muito o que fazer nesse sentido, mas era seu dever ao menos prepará-lo para o que viria.

Agitada demais para conciliar o sono, Melissa se levantou, se vestiu e desceu.

Havia luz no escritório e a porta estava aberta. J.D. notou sua presença antes que ela se

anunciasse.

— Não está acostumada a dormir cedo, Hollywood?

— O banho me devolveu as energias — ela murmurou com as mãos no bolso da calça jeans.

Os olhos escuros de J.D. percorreram todo seu corpo, da cabeça aos pés. Ela não pôde evitar um sorriso. Apesar de sua disposição em contrário, J.D. gostava dela.

Essa percepção levou-a a uma tentativa de maior aproximação. Gostava de J.D. e queria sua amizade, se isso fosse possível depois do modo errado com que entrara em sua vida.

— Estava a caminho da sala quando pensei em parar e conhecer seu escritório. Se você não se importa, eu gostaria de assistir a um programa de tevê ou ouvir música.

— Tudo bem.

— Obrigada — Melissa agradeceu e se apressou a se afastar daqueles olhos hipnóticos. J.D. estava encarando-a do mesmo jeito que fizera quando lhe apresentara Jess Everdine. Ele era muito perspicaz e observador. Deveria estar desconfiado de algo.

Melissa subiu até seu quarto e apanhou seu estojo de CD. Voltou em seguida para a sala e escolheu uma seleção de músicas. A primeira que ecoou pelo ambiente foi Whole Lotta Love de Led Zeppelin.

O som estava alto demais e ela se apressou a baixá-lo e a desejar que não tivesse acordado Carmelita nem assustado J.D.

— Que espécie de música é essa? — ele perguntou no minuto seguinte, de braços cruzados e com o ombro apoiado no batente da porta.

— Led Zeppelin — Melissa respondeu e se apressou a trocar o CD. — Talvez prefira este.

— É muito melhor — J.D. afirmou quando os acordes de uma música country se espalharam pela sala.

Em seguida ele se sentou e apanhou o estojo. Pelo seu jeito, Melissa percebeu que aprovava algumas de suas preferências e desaprovava outras.

Quando a música estava por terminar, ela perguntou num impulso.

— Dança músicas lentas, John Dalton?

Ele ergueu a cabeça como se tivesse levado um susto. A surpresa estava estampada em seus olhos. Provavelmente não estava acostumado a mulheres que tomavam a iniciativa.

— Está flertando comigo, Hollywood?

Melissa hesitou e depois fez um gesto de assentimento.

— Acho que sim.

A resposta pareceu atingi-lo como um golpe. Ele estreitou os olhos. Apesar da ousadia do comportamento, era possível adivinhar que ela estava preocupada com a atitude que ele tomaria. Aquilo era uma confirmação da vulnerabilidade emocional que ele pressentira por várias vezes desde o dia anterior. Era uma indicação também de que havia algo de sério no flerte.

— Por quê?

— Acho que gosto de você — Melissa respondeu com um movimento de ombros, deu alguns

passos à frente, apoiou a mão esquerda no ombro dele e segurou a outra.

Incapaz de resistir, J.D. enlaçou-a pela cintura de um modo que a fez prender o fôlego. Depois, quando a música terminou, ele esperou pelo início da outra, sem soltá-la.

Melissa quase não conseguia respirar. J.D. era um homem másculo e sensual e sua feminilidade se contagiava com isso. Nunca havia sido o objeto de tanta concentração por parte de um homem. O instinto de afastar a mão de seu ombro e abraçá-lo pelo pescoço era muito forte. Como se pressentisse o que estava acontecendo com ela, J.D. apertou-a ainda mais de encontro a seu corpo.

Melissa ergueu o rosto de forma que seus lábios quase lhe tocaram o lóbulo da orelha. Sua intenção era fazer um comentário frívolo, mas o tremor da voz a desmentiu.

— Se está tentando me impressionar, John Dalton, você conseguiu.

— Está se divertindo a minha custa, Hollywóod? Ela encostou o rosto ao dele.

— Acho que não.

— Quando terá certeza? Ela sorriu.

— Neste momento sei apenas que gosto de você — respondeu, sincera — e que o considero o homem mais atraente do Texas. Talvez o mais atraente de todos que já conheci. Gostaria de conhecê-lo melhor e de saber se a atração que sinto por você é mútua. Mas se eu lhe dissesse essas coisas agora, ou você não acreditaria em mim ou ficaria assustado. Portanto, vou responder apenas que não sei.

J.D. praguejou baixinho.

— Você é uma garota terrível.

— Às vezes — ela concordou.

— Qualquer dia acabará se encrencando falando desse jeito.

— Trata-se de uma ameaça, J.D.? — ela o provocou, roçando a face em seu queixo.

De olhos fechados, Melissa estava tão perdida na segurança daqueles braços e no calor daquele corpo que não percebeu que a música havia terminado. Mas ele soltou-a, estranhamente rígido, e ela sentiu-se muito só enquanto o acompanhava com os olhos para fora da sala.

Embora tivesse dormido a noite inteira, Melissa acordou tensa na manhã seguinte. O fato de J.D. estar tomando o desjejum em completo silêncio piorou sua condição. Seria possível que ele tivesse notado que ela havia falado sério na noite anterior e não tentado flertar?

Incapaz de engolir após várias tentativas, Melissa empurrou o prato. A ideia de que J.D. poderia enxergar seus verdadeiros sentimentos era perturbadora.

Ela se levantou e colocou seu prato na lava-louça.

— Quais seus planos para hoje? — perguntou, de costas. — Seguiremos por caminhos diferentes.

Melissa fechou a torneira e colocou um sorriso nos lábios.

— Já se cansou de mim? Pensei que os texanos fossem mais resistentes.

— Nós somos. Eu apenas estava querendo pedir um favor a minha sócia.

— Um favor? — ela indagou, genuinamente satisfeita com o modo de ele chamá-la. — Grande

ou pequeno? Ou você está caçoando de mim?

— Eu precisaria ter senso de humor para fazer piadas, Hollywood. — J.D. empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Deixo para você decidir se o favor é ou não grande.

— Qual é?

Foi a vez de J.D. colocar os pratos na lava-louça. Melissa estava curiosa. Quando pensou em pôr um fim no suspense, ele se virou e disse:

— Becky Everdine está economizando para cursar uma faculdade. Eu a contratei para pintar a cerca do lado da estrada. E uma tarefa árdua sob o sol. Como somos sócios e é de nosso interesse manter o rancho em bom estado, você poderia ajudá-la e nos poupar o pagamento de um auxiliar.

Melissa tentou não demonstrar a excitação que o pedido lhe causou. Seria uma oportunidade incrível de se aproximar de sua irmã.

— O preço já foi acertado?

— Já.

— Não está explorando a garota, está?

— Fiz um orçamento com um profissional antes de oferecer o serviço a Becky. Ela está recebendo o mesmo que eu pagaria a ele.

— E ela receberá o mesmo se eu ajudá-la? J.D. franziu o cenho.

— Não está preocupada demais com o que eu devo ou não pagar pelo serviço?

— Estou — Melissa admitiu. — Muitas pessoas se aproveitam das crianças. Querem que façam trabalhos de um adulto, mas se recusam a lhes pagar um salário de adulto.

— Eu não sou uma delas, Hollywood.

— Eu sabia que não, mas não pude evitar perguntar. J.D. encarou-a por um instante.

— Já pintou alguma coisa além de suas unhas?

— Não, mas não deve ser difícil.

O modo com que ele sorriu a fez ter várias dúvidas a respeito.

Melissa não poderia ter feito uma compra mais adequada antes de vir ao Texas. Estaria perdida sem um filtro solar. O mesmo não pensava Becky, contudo, pois achou graça quando Melissa sugeriu que fizessem um intervalo por volta das onze horas para aplicar uma nova camada sobre a pele.

— Nesse passo vamos acabar com o filtro antes de acabarmos com a tinta. Ei, esse negócio escorrega. Ainda bem que trabalhamos com luvas ou os pincéis não parariam em nossas mãos.

— Não reclame, mocinha. Cuidar da pele deveria ser uma de suas prioridades. Você tem uma pele perfeita, mas se não a proteger acabará parecendo uma uva-passa antes dos vinte e cinco anos.

— Não pretendo ser uma estrela de cinema, Melissa, nem modelo.

— Não importa. Sol em demasia prejudica a saúde. Quanto ao que eu disse sobre sua pele, considere o cumprimento extensivo a toda sua aparência e cérebro. Na minha opinião, você terá sucesso em qualquer profissão que escolher.

Becky deu de ombros e Melissa ficou surpresa com o gesto, pois ela também tinha esse hábito.

Morder a parte interna da bochecha para evitar o riso, puxar uma mecha de cabelos para trás das orelhas e apertar os lábios quando estava concentrada numa tarefa teria algo a ver com genética? Becky e ela, afinal, faziam isso com bastante frequência.

Fazia menos de vinte e quatro horas que conhecera a irmã e a certeza do parentesco era total.

Olhar para Becky de frente enquanto pintavam a cerca uma de cada lado fora como olhar ao espelho. Se ela não estivesse tão fascinada com a oportunidade de desfrutar da companhia da irmã em período integral, teria se preocupado com essa incrível semelhança.

J.D. veio buscá-las para o almoço em seu jipe.

— Quem disse que as mulheres não são capazes de fazer trabalho de homens deve pensar duas vezes — ele caçoou ao mesmo tempo em que saltava do veículo.

Becky e Melissa pararam ao mesmo tempo e olharam para a cerca. Elas haviam pintado quase a metade sem se darem conta. Sorrisos idênticos se estamparam em seus rostos. Quando seus olhares se encontraram, Melissa sentiu um nó na garganta.

Para se recompor, abaixou-se e começou a limpar os pincéis e tampar a lata de tinta. Depois, enquanto se dirigiam ao jipe, ficou deliberadamente atrás de Becky.

Precisaria tomar cuidado. Qualquer um que as visse juntas perceberia a semelhança. Principalmente J.D. E era essencial que ninguém descobrisse a verdade antes que ela explicasse tudo a Jess.

Melissa colocou as latas vazias no jipe sem dizer uma única palavra. Becky fez o mesmo. Ainda bem que J.D. estava distraído.

Becky esperou para subir, mas Melissa fez um gesto, cedendo-lhe o lugar do meio. Ela já estava tensa o bastante para ainda ter de se sentar ao lado de J.D.

— Bom trabalho, garotas — J.D. elogiou enquanto manobrava o jipe e voltava para a estrada.

— Obrigada — Becky agradeceu. — Não será preciso me levar para almoçar em sua casa. Se puder me deixar no caminho, eu combinei de almoçar com Bobby.

— Não querem almoçar conosco, você e ele?

— Eu deixei tudo pronto e tenho uma pilha de roupas para lavar antes de retomar meu trabalho de pintura às quatro horas. Ah, e eu também estou precisando de um banho para tirar o filtro solar da minha pele. — Becky olhou para Melissa e sorriu. — Não se espante se nós cairmos do banco numa curva.

J.D. parecia bem-humorado mas não fez nenhum comentário.

Chegaram à casa de Becky em poucos minutos e Melissa desceu para dar passagem à irmã. Quando sentiu os olhos de J.D. pousados sobre ela e em seguida sobre Becky, quis se afundar no chão.

— Você e Becky poderiam ser primas — ele comentou alguns instantes depois.

Sem saber o que responder, Melissa ligou o ar-condicionado na temperatura máxima.

— Acha?

— Sem dúvida — ele respondeu,de uma forma que a deixou alerta. — Ou irmãs — disse em tom de voz ainda mais suave.

Melissa pensou que seu rosto explodiria de tanto calor, mas conseguiu brincar:

— Tive uma colega de quarto na oitava série que também se parecia comigo. Nossos cabelos eram idênticos. Muita gente especulou se éramos meio-irmãs devido à reputação de meu pai.

No instante seguinte ela tirou o tubo de filtro solar do bolso traseiro como se ele estivesse incomodando-a. Mas isso não distraiu J.D. conforme esperava. A intensidade de seu olhar cada vez que olhava em sua direção era um sinal de que sua mente estava trabalhando sem cessar.

Nos dois dias que se seguiram, Melissa sentiu-se tentada a revelar seu segredo a J.D. sem esperar pela chegada de Jess, mas não reuniu coragem suficiente para isso. Nesse ínterim, ela e Becky terminaram a pintura da cerca como se fossem velhas amigas.

Melissa adorou quando Becky perguntou se poderia visitá-la qualquer dia na casa grande e aprender alguns truques de maquilagem. Foi ótimo também ter a oportunidade de ver a casa de árvore que Bobby estava construindo e o regato de sua preferência que abrigava uma porção de sapos.

Em pouco tempo, Melissa chegou à conclusão de que seus irmãos eram as criaturas mais adoráveis do planeta. E pareciam gostar dela, o que era mais importante.

Teria mais dois dias para desfrutar da companhia deles e pretendia aproveitar a oportunidade ao máximo. Quando Jess chegasse e ouvisse o que ela tinha para lhe contar, talvez nunca mais recebesse permissão para ver as crianças.

Assim que a imprensa divulgasse os nomes deles, os jornalistas fariam filas diante do rancho Hayes para conseguir fotos e entrevistas. A indiscrição de sua mãe, enquanto ainda era solteira, se tornaria pública. A memória dela seria manchada no que dizia respeito a seus filhos legítimos.

Outro tormento para Melissa era a possibilidade de Becky e Bobby virem a ser ridicularizados pelos colegas de escola. Não suportaria a confirmação de que sua existência não traria mais felicidade a sua família biológica do que trouxera aos pais adotivos.

Melissa procurou sufocar a tristeza e o receio com sorrisos ainda mais brilhantes, seguindo J.D. por todos os cantos do rancho.

O lugar que mais visitava era a cozinha de Coley a fim de saborear seus deliciosos sorvetes. Becky e Bobby começaram a acompanhá-la e o número de rapazes crescia cada dia. J.D. chegou a reclamar que seus homens acabariam engordando mais do que o gado antes que o outono chegasse.

Por mais alegre que Melissa se mostrasse, contudo, o olhar atento de J.D. não lhe dava descanso. Mas uma vitória ela conseguira. Os sorrisos que arrancava daqueles lábios eram cada vez mais genuínos e frequentes.

O que havia pressentido no primeiro dia estava se tornando uma real possibilidade. Seria fácil se apaixonar por John Dalton Hayes.

Capítulo 5

— Algum problema, Carmelita? Enquanto se aproximava da cozinha, Melissa ouvira batidas de panelas e imprecações. Como a governanta não parava de reclamar, apesar de ela não ter feito segredo de sua presença, insistiu:

— Aconteceu alguma coisa, señora?

A mulher se virou com uma faca na mão. Ao ver Melissa sorrindo para ela e olhando alternadamente para sua mão e para seu rosto, ela se deu conta do que fazia. No mesmo instante corou, guardou o utensílio numa gaveta e disparou a falar em espanhol.

Melissa tentou acompanhar a explicação mas só conseguiu entender que o aborrecimento tinha a ver com J.D. e com sua ex-esposa.

Foi, então, até a geladeira, apanhou duas latas de cerveja, mostrou-as a Carmelita e fez um sinal de que as levaria ao escritório.

A porta estava aberta mas ela esperou pela permissão de entrar. Como J.D. não dissesse nada, espiou em direção ao sofá e viu que ele estava deitado com os olhos fechados.

Deu um passo para dentro e ele pestanejou.

— Ei, cowboy, parece que está precisando de uma cerveja e de um desabafo.

J.D. esfregou o rosto com ambas as mãos.

— Você nunca se cansa desse seu jogo do contente à moda de Poliana?

Sem se acovardar com a recepção fria, Melissa sentou-se ao lado dele e entregou a cerveja. Ele hesitou antes de aceitá-la. Depois tomou-a quase que de um só gole.

— O que está fazendo aqui? Acabou o sorvete?

— Não é tão cedo quanto pensa, J.D. — Ela tomou um gole e fez uma careta. — Como é que alguém pode gostar disso?

Melissa entregou a cerveja a ele e aproveitou para apoiar o cotovelo no encosto do sofá de forma a encará-lo de frente.

— O que você quer? — J.D. insistiu.

— Saber o que está acontecendo. Carmelita tentou explicar mas eu não entendi. Parece que tem a ver com você e com sua ex-esposa.

— Esse é um assunto detestável.

— Sem dúvida. Gostaria de um ombro amigo para chorar? Sócios devem servir para isso também, não?

— Não estou disposto a brincadeiras, Hollywood.

— Prefere sofrer sozinho quando o assunto é Raylene, então? — Ele a fitou com expressão irritada e ela decidiu não pressioná-lo mais. Antes de sair, contudo, deu uma palmadinha em seu braço.

Antes não o tivesse feito. J.D. segurou-lhe o pulso e não soltou-o mesmo quando ela tentou se desvencilhar.

— O que veio fazer aqui realmente? Ela olhou no fundo dos olhos dele e deu mais um de seus famosos sorrisos.

— Flertar um pouco e verificar se poderia tirar alguma vantagem de você.

— Esqueceu o que eu disse sobre esse tipo de conversa? Melissa deu de ombros.

— Que eu poderia me encrencar qualquer dia. Acho que foi mais ou menos isso. Mas eu não creio que esteja correndo perigo. Os texanos não fazem outra coisa exceto falar.

O ambiente estalava de sensualidade. Melissa não conseguia respirar com a intensidade daquele olhar.

— Foi uma má ideia vir aqui, Hollywood.

— Eu sempre tenho más ideias, John Dalton. — Ela se aproximou tanto que J.D. sentiu sua respiração nos lábios. — Mas desta, tenho certeza de que não me arrependerei.

Ela roçou os lábios dele com os seus e esperou. Quando ele não fez menção de beijá-la, sentiu unia súbita agonia.

— O que houve, querida? Perdeu a coragem? Naquele momento ela reconheceu que havia perdido a parada. Levantou-se bruscamente e dessa vez conseguiu se libertar. Mas antes que alcançasse a porta, J.D. tornou a detê-la.

Ela ergueu os olhos e o que viu fez suas pernas tremerem.

O tempo pareceu ficar suspenso enquanto ele a abraçava e a conduzia de volta ao sofá. Deitou-a em seguida e se colocou por cima de seu corpo. Foi com mais lentidão ainda que começou a inclinar a cabeça. No último instante ela não pôde mais suportar e fechou os olhos. Ele cobriu sua boca com a dele e penetrou-a com a língua em movimentos sensuais e experientes. Com seu beijo e com o peso de seu corpo, J.D. despertou um desejo que Melissa não imaginou existir dentro dela.

O sangue pulsava rápido em suas veias e o coração parecia querer saltar do peito. Amava aquele homem obstinado e taciturno. De repente tinha certeza disso assim como sabia que continuaria amando-o até o fim de seus dias. J.D. era um homem franco e leal, um homem da terra. Ele lhe daria a segurança de que tanto precisava.

Mas o que ela poderia oferecer a um homem como J.D.? O pensamento fez com que Melissa se agarrasse ainda mais a ele, como se o calor e a firmeza daqueles músculos pudessem ajudá-la a esquecer os problemas.

Para J.D. ela deveria parecer fútil, egoísta, uma garota sem princípios. Quando o livro fosse publicado, ele a expulsaria de sua vida. Seu caráter firme e o estilo de vida que escolhera não combinavam com alguém que era demasiadamente dada a impulsos para criar raízes, por demais insegura para ser confiável.

Os pensamentos sombrios a fizeram interromper o beijo e abraçá-lo em busca de consolo.

J.D. tinha certeza de que havia perdido a razão. Jamais deveria tê-la segurado ao se levantar do sofá, jamais deveria ter cobrado seus pequenos flertes. Afinal, não havia aprendido a lição? A última loira por quem se apaixonara representara a perda de um terço de seu rancho. A srta. Hollywood, com seus poderes, acabaria deixando-o apenas com a roupa do corpo.

J.D. ergueu a cabeça e viu que os olhos de Melissa estavam brilhando de emoção. Naquele instante ele soube que não poderia ser cruel. Já estava gostando demais daquela jovem impulsiva

para fazê-la sofrer.

Optou pelo silêncio. Estava perplexo com a dificuldade em se afastar do corpo pequeno mas estonteante e não encontrava forças para sair do escritório.

O fato de J.D. não querer falar causou um terrível impacto em Melissa. Ele confirmava suas mais tristes suspeitas. Resolveu não falar também e não tentou detê-lo quando se levantou.

Ouviu os passos se afastarem e permaneceu imóvel, olhando para o vazio, por um longo tempo, até encontrar forças para subir para seu quarto.

O modo de Melissa tratá-lo na manhã seguinte enquanto tomavam o desjejum o fez sentir-se culpado. O abandono da noite anterior a magoara. Ele lera isso nos notáveis olhos azuis. E a falsidade dos sorrisos era uma indicação de que a mágoa persistia.

J.D. não entendia como aprendera a conhecê-la tão bem nem por que se preocupava tanto com ela. Nunca soubera ler os pensamentos das outras pessoas, nem sequer de Raylene. Mas havia algo em Melissa que parecia funcionar como um emissor de sinais.

A descoberta o fez franzir o cenho. A entrada de Melissa em sua vida era significativa. Ela não era a garota mimada que imaginara. Suas habilidades como vaqueira obrigaram-no a mudar de opinião. E depois, quando a apresentara aos Everdine, as suspeitas de que não era realmente uma socialite se tornaram mais fortes.

A fã de cinema Carmelita lhe deu a certeza final de que Melissa não era quem ele pensara. Ela havia sido adotada pelos Sedgewick.

As palavras de sua governanta atingiram-no em cheio. Naquele instante ele somou dois e dois e descobriu por que Becky e Melissa eram tão parecidas.

Por outro lado, se suas suspeitas estavam corretas, Melissa Yahzoo era uma das pessoas mais desonestas que já conhecera. Não deveria se importar tanto que ela tivesse ficado magoada na noite anterior. Na certa, o que ela pretendia fazer em Hayes seria muito pior.

Mas a melancolia que havia em seus olhos e a incerteza de sua expressão o impediam de desmascará-la.

Jess Everdine, porém, poderia não seguir a mesma linha de raciocínio e ele estava se sentindo dividido entre o velho e respeitável amigo e a jovem e traiçoeira sócia que havia devolvido à sua vida uma alegria que ele não acreditava mais existir.

Ninguém poderia imaginar o esforço que custou a Melissa se portar como sempre fazia à mesa do café. Não culpava J.D. pelo seu comportamento na noite anterior. Ela o havia provocado demais. Seria um absurdo, portanto, mostrar-se magoada e com isso afastá-lo. Estava gostando demais dele para suportar sua ausência. Era melhor ter J.D. mesmo que fosse por pouco tempo.

Quando tudo tivesse acabado, ela iria embora, procuraria um lugar para ficar e algo para fazer. Sempre poderia contar com seu pequeno rancho na Califórnia e com sua casa em Hollywood Hills.

Publicada a biografia, ela certamente seria procurada pelas instituições de caridade. Também poderia escrever um novo roteiro de filme. Suas duas primeiras obras já haviam sido vendidas, embora ainda não tivessem sido produzidas. Idéias não lhe faltavam. O trabalho seria sua salvação emocional.

Em meio às opções para o futuro, depois que deixasse o rancho Hayes, foi que Melissa se deu

conta de que não tinha nenhuma esperança em ser aceita pelos Everdine e em ser amada por J.D.

Ela estava preparada para a confusão que se criaria em Hayes com a intrusão de uma montanha de repórteres. Mas e Becky e Bobby? O que passaria a representar na vida deles exceto um problema? Poderia continuar vivendo com o peso de sua culpa pelo quê lhes fizera?

— Bobby está fazendo o que imagino? — Melissa indagou a Becky quando ambas cavalgavam em direção à sede do rancho.

Antes que Becky pudesse responder, Melissa viu o garoto atirando pedras no telhado do estábulo. Isso significava que ele também havia notado a formação de uma colméia no local.

No mesmo instante, Becky esbravejou e virou o cavalo em direção contrária.

— Vou embora daqui — Becky puxou as rédeas. — Se meu irmão conseguir derrubar a colméia, não quero estar por perto. Você vem comigo?

Melissa olhou para o menino, tornou a olhar para Becky e balançou negativamente a cabeça.

— Não vai tentar detê-lo? — perguntou com espanto. Em seu entendimento, salvar um irmão era uma prerrogativa da própria irmã.

— Para quê? Ele não desistirá enquanto as abelhas não voarem para cima dele ou J.D. chegar.

Melissa viu quando Bobby se preparou para atirar outra pedra e sentiu um arrepio lhe percorrer as costas. Havia lido em algum lugar que pessoas alérgicas podiam morrer por causa de uma picada de abelha e não havia nenhum hospital por perto.

— Ele já foi picado alguma vez?

— Não. Esse é o problema. Se já houvesse sentido a dor de uma picada, nunca mais provocaria as abelhas. Então? Vem comigo ou vai se arriscar por causa desse menino teimoso?

— Vá na frente. Vou tentar preveni-lo.

Becky se afastou, rindo. Melissa entendeu o significado. A irmã achava que ela estava perdendo seu tempo.

Melissa prosseguiu mais alguns metros a cavalo. Desmontou e cobriu o restante da distância a pé. Bobby estava de costas e tão entretido em mirar a colméia que não percebeu sua aproximação.

Melissa parou atrás dele e esperou que erguesse o braço numa nova pontaria. Fez cócegas, então, e perguntou o que ele estava fazendo.

O menino levou um susto e estava se virando para ela quando a colméia se desprendeu do telhado e se espatifou a meio metro deles. Bobby reagiu automaticamente e correu. Melissa demorou para reagir. Quando tentou se colocar a salvo, as abelhas já estavam pousando em seu chapéu e em suas roupas. Até que ela sentisse a primeira picada passou-se um segundo. Depois seguiram-se outras e mais outras.

Por sorte, J.D. apareceu naquele instante e viu o que estava acontecendo. Correu para o estábulo e apanhou uma lata de repelente de insetos que borrifou sobre Melissa e depois sobre a colméia.

Assim que recuperou o fôlego, Melissa correu para o estábulo.

— Foi picada? — ele quis saber um instante depois, já ao lado dela.

— Fui.

Sua pele estava tão inchada e dolorida que ela se surpreendeu por não estar mais coberta de

abelhas. Bobby chegou em seguida.

— Oh, eu sinto muito, Melissa. Sinto muito.

— Eu não morrerei por causa disso, sossegue. Mas que está doendo, não vou negar. Espero que nunca mais repita o que fez, ok?

— Não, madame. Eu prometo.

— Nem com canudinhos de papel?

— Com nada, srta. Melissa. — Ele fez uma cruz no peito em sinal de juramento.

Melissa lhe deu um tapinha no ombro.

— Eu acredito. Agora você poderia buscar Brute para mim?

Bobby olhou para J.D. antes de atendê-la. Ela não soube se havia feito isso para consultá-lo ou se esperava algum tipo de punição.

Melissa olhou para J.D. e lhe fez um pedido mudo para que deixasse as coisas como estavam. Ele entendeu.

— Vá, Bobby. E trate de cumprir sua promessa.

— Sim, sr. Hayes.

Bobby saiu do estábulo quase que no mesmo instante em que Becky entrou. Melissa se despediu e tomou o caminho da casa.

— Como está se sentindo? — J.D. alcançou-a.

— As picadas estão doendo. Acho que vou precisar da ajuda de Carmelita.

— Carmelita saiu para fazer as compras da semana. Ela deixa o almoço no forno às quintas-feiras e vai para a cidade.

— Cuidado, John Dalton — ela caçoou. — Esse tipo de situação dá margem a várias possibilidades.

J.D. franziu o cenho.

— Por que faz isso?

— O quê?

— Por que faz piada de tudo?

— Porque acho melhor do que chorar e gritar de dor e chamar as abelhas de filhas da... — Ela se deteve e riu da expressão que J.D. fez. — Não é meu estilo, J.D.

As picadas pareciam doer cada vez mais a cada passo que ela dava. Não via a hora de entrar na cozinha e tirar a blusa e a calça.

Foi o que fez, mas não antes de dizer:

— Se não puder aguentar a cena, é melhor sair agora. Antes que ele se movesse, porém, ela fez uma careta de dor e pediu ajuda para tirar as botas.

— Você levou picadas nas costas também?

— Não.

— Então eu a colocarei sobre a bancada.

Assim que acomodou Melissa, J.D. lhe tirou as botas e depois o jeans. Suas mãos tremiam e ele não conseguia dominá-las.

— Sofre de alergia a abelhas? — perguntou, tenso, ao mesmo tempo que examinava as manchas avermelhadas e inchadas.

Enquanto ele estava agachado, Melissa aproveitou para lhe tirar o chapéu. Por mais que fingisse ser uma mulher sensual, a verdade era que estava corada de vergonha. Uma coisa era flertar, outra era ter intimidade. Estar sentada num balcão de cozinha, só de calcinha e blusa na presença de um homem como J.D. era algo constrangedor. Nunca havia passado por uma experiência como aquela em toda sua vida.

J.D. terminou de examinar as pernas e ajudou-a a tirar a blusa. A pele ao redor da cintura também apresentava muitas picadas.

— Você já foi picada por abelhas antes?

— Já, mas não nessa quantidade. As picadas inflamaram mas eu não sofri nenhuma reação mais grave.

— Assim mesmo, quero levá-la imediatamente ao médico. Ele a ergueu nos braços e ela não pôde dominar o impulso de abraçá-lo pelo pescoço.

— Eu estou em condições de andar e não creio que seja necessário procurar um médico, John Dalton.

— Ele mesmo decidirá quanto a isso, está bem?

No quarto, J.D. a colocou no chão e pediu que vestisse um vestido folgado enquanto ele telefonava e pedia que o médico ficasse preparado para recebê-la.

Melissa sorriu.

— Sou tão irresistível assim que o médico tenha necessidade de se preparar para me ver?

J.D. olhou para ela antes de sair do quarto, beijou-a rapidamente na boca e lhe falou de um jeito de tirar o fôlego.

— Ninguém me preparou, mas eu estou descobrindo que o elemento surpresa faz parte do prazer.

Melissa esqueceu, por um momento, que estava quase nua e cheia de picadas.

As palavras de J.D. foram tão surpreendentes que ela se encaminhou para o armário como se estivesse flutuando. Queria ficar bonita para ir à cidade com ele.

Não havia tempo a perder. Ela pegou uma muda de roupas e correu para o banheiro para uma ducha rápida.

Ao contato com a água morna, as picadas ficaram ainda mais vermelhas e doloridas. Até o vestido leve de algodão a incomodava.

Quando J.D. voltou para buscá-la, já estava pronta, de sandálias e bolsa a tiracolo.

— Não precisa me pegar no colo, J.D. — avisou quando ele deu um passo em sua direção. — Se eu for caminhando, evitarei que o tecido toque nas picadas.

Ele concordou, mas fez questão de levar sua bolsa.

Eram duas horas quando saíram do consultório. Melissa estava se sentindo melhor. O médico

havia tirado os ferrões e aplicado uma pomada. Agora eles precisavam ir a uma farmácia para comprar um anti-histamínico e um tubo da mesma pomada cuja amostra grátis havia sido completamente empregada.

A caminho de casa, J.D. parou num restaurante à beira da estrada para almoçarem.

Quando chegaram ao rancho passava das três horas e o carro que Carmelita usava para ir à cidade já estava estacionado no pátio.

Foi apenas nesse instante que Melissa se lembrou de que não havia recolhido suas roupas nem as botas antes de subir para o quarto.

— J.D., você apanhou minhas roupas na cozinha?

— Eu... — Ele se deteve, mordeu o lábio, e pôs-se a rir, imitando-a.

Melissa desceu do carro antes que J.D. tivesse tempo de lhe abrir a porta. Os dois se encararam por cima da capota.

— Não se atreva! — ele ordenou ao perceber que ela estava tramando alguma coisa.

— Por que não?

— Carmelita é uma mulher de moral rígida.

— Pois eu aposto que ela não irá censurá-lo por ter preferido a diversão ao trabalho, por um momento.

— Carmelita será capaz de me matar se pensar que eu a seduzi em sua cozinha na primeira oportunidade.

Melissa deu a volta ao carro e provocou-o:

— Como pode saber o que Carmelita está pensando sobre nós? A menos, é claro, que não seja novidade para ela que a cozinha seja seu lugar favorito de sedução. Você a usava quando era casado?

— Claro que não! — ele protestou com veemência.

— Deixe-me adivinhar! Sua ex-esposa ambicionava ser atriz de cinema, certo? Sua preferência, sem dúvida, era por camisolas de renda, velas perfumadas e essências francesas. Seu palco de atuação era a cama, invariavelmente. Nunca o reclamou em outra parte da casa, no calor do momento?

— Você é muito atrevida, Melissa Yahzoo.

— Você está certo, John Dalton Hayes. E sabe o que mais?

— O quê?

— Fico feliz que você não esteja mais com ela. Sabe mais uma coisa? Acho que a cozinha é um bom lugar para fazer amor.

Entraram na casa pela porta dos fundos que Melissa abriu antes que J.D. pudesse alcançá-la.

— A senhorita está bem? — Carmelita quis saber, preocupada.

— Sim, obrigada. O médico receitou uma pomada ótima. Desculpe por ter deixado minhas roupas por aí.

— Eu fiquei espantada quando as vi, mas Bobby e Becky vieram me ajudar a carregar as compras e me contaram sobre as abelhas.

— Ainda bem — Melissa brincou — J.D. estava com medo de levar uma bronca.

— E eu certamente a daria. Afinal ele é um homem vivido e a senhorita é jovem e solteira.

Melissa deu um abraço que surpreendeu a governanta.

— Você é um amor, Carmelita, mas quem precisa de proteção é J.D. e não eu.

— É verdade, Carmelita — J.D. afirmou. — Melissa é a jovem mais atrevida que já conheci. Ela vive tentando flertar comigo.

— Eu acho isso bom para o senhor — Carmelita respondeu. — Precisa aprender a rir e a flertar novamente. Por que não se casa com ela e lhe dá muitos filhos?

A pergunta fez ambos corarem.

— Eu já me casei uma vez e não deu certo.

— Aquela mulher só queria seu dinheiro. Não podia dar certo. Ela nunca quis um lar, um bom marido e filhos. — Carmelita se virou para Melissa. — Esta aqui tem mais dinheiro do que você e vejo amor em seus olhos.

Melissa ficou tão perplexa com a sensibilidade da governanta que não soube o que responder. J.D. também se manteve calado.

Ciente do choque que havia provocado, Carmelita deixou-os e se afastou em direção ao quarto que ocupava nos fundos.

Receosa do que J.D. poderia dizer sobre o conselho de Carmelita, Melissa tentou fugir para seu quarto.

— Parece que você ganhou mais uma admiradora para seu fã-clube — J.D. murmurou.

Ela parou e sorriu. Estava em dúvida se J.D. estava brincando ou caçoando.

— Falta um presidente em meu clube. Está interessado? J.D. se levantou e bateu com o chapéu na perna.

— Não se exponha ao sol esta tarde, ouviu? — ele ordenou e se dirigiu ao terraço. — Aproveite para ouvir música e descansar. Mas poupe a pobre Carmelita de seus rocks!

O sorriso que ele lhe deu ao sair e o modo com que se referiu a sua escolha de músicas a fez suspirar de alívio.

Capítulo 6

Melissa trocou o vestido por uma camiseta, que amarrou na cintura, e um short que ficava acima das picadas.

O efeito do antialérgico fora rápido. As picadas já estavam menos vermelhas e inchadas.

Sonolenta devido ao remédio, ela se deitou no sofá da sala e pesquisou todos os canais de televisão pelo controle remoto até se decidir por um noticiário.

Como o ar-condicionado estava forte, cobriu-se com uma manta, com o cuidado de dobrar os joelhos para que a lã não tocasse os locais inflamados.

Quando deu por si, o noticiário havia terminado e estava passando um programa de variedades. Ainda sonolenta, Melissa apanhou o controle remoto para aumentar o som. O sono desapareceu por completo e ela se sentou abruptamente ao ver um clip de Jason e de Angela Sedgewick. A visão de seus pais adotivos deixou-a alerta. A reportagem girava em torno da próxima publicação da biografia não autorizada do casal por Dillon Casey. De acordo com o autor, a vida particular dos Sedgewick poderia ser comparada a alguns dos papéis mais dramáticos e aclamados que eles representaram. Durante os vinte e cinco anos de casados, a infidelidade fora uma das características mais frequentes. Dillon Casey contava também sobre a filha adotiva do casal, que havia sido emocionalmente abandonada por eles desde a infância.

Em resumo, a biografia prometia fazer as mais chocantes revelações sobre Jason e Angela Sedgewick e se tornar um dos maiores best-sellers que Hollywood já vira.

O segmento foi substituído por um comercial e Melissa, como se a hipnose tivesse sido interrompida, se apressou a pegar o controle remoto para desligar a tevê.

A imprensa já estava se movimentando. De acordo com suas previsões, o livro ainda demoraria umas duas semanas para chegar às lojas. Enganara-se. E como não vinha assistindo a noticiários em âmbito nacional, mas apenas os gerados na localidade de Hayes, era bem provável que a propaganda sobre o livro estivesse sendo feita há diversos dias.

Se os nomes Becky e Bobby e o rancho Hayes já tivessem sido mencionados...

A suposição fez Melissa se levantar de um salto e dobrar a manta. J.D. e ela estiveram na cidade aquele dia. Por que não aproveitara para dar uma olhada nas revistas e nos jornais? Era incrível que a ideia não tivesse lhe ocorrido.

Assim que guardou a manta, Melissa correu para o quarto e vasculhou o armário. Precisava encontrar uma roupa que fosse confortável e ao mesmo tempo apropriada para uma rápida visita à cidade.

Se a história já tivesse sido publicada, talvez pudesse comprar todos os exemplares e impedir que os rumores circulassem pela área por mais alguns dias.

Mas de que adiantaria tentar poupar Becky e Bobby, se Jess Everdine estava em Ft. Worth? Numa grande cidade, os noticiários se repetiam diversas vezes por dia e era possível comprar revistas e jornais em cada esquina.

Apenas nesse instante Melissa se deu conta do erro que cometera em permitir que Jess Everdine viajasse antes que ela o prevenisse dos acontecimentos.

O confronto seria muito pior agora. Jess poderia acusá-la de manipular as crianças por interesse próprio.

Escolheu uma calça bag e uma blusa de cambraia. Quando tentou vesti-la, quase caiu de tanto que suas pernas tremiam. Sentou-se, então, até conseguir se controlar.

A crueldade de Jason e Angela não tinha fim. As redes de televisão nunca colocavam um programa no ar sem avisar os principais interessados. Eles bem que poderiam lhe ter avisado.

O fato de não terem se lembrado de lhe dar um simples telefonema era mais uma evidência de que o abismo entre eles havia aumentado para proporções imperdoáveis.

Ela não tivera como evitar que antigos empregados de seus pais concedessem entrevistas a Dillon Casey quando ele começou a reunir material para seu livro. Melissa não tinha culpa tampouco por eles terem contado que seus pais nunca haviam se importado realmente com ela. Ela mesma nunca havia dado declarações contra Jason e Angela e sempre que possível se recusava a receber os repórteres.

A única pessoa com quem Melissa acabou falando a respeito do livro foi o próprio autor, mas somente por causa de Becky e de Bobby.

O encontro foi um pesadelo pois Casey se mostrou impiedoso em seus esforços para levá-la a confirmar ou negar as informações colhidas durante as pesquisas. Por ela ter se recusado a colaborar, a súplica para que ele não publicasse os nomes verdadeiros dos irmãos e seu endereço certamente não seria ouvida.

Dillon Casey não se intimidou com as ameaças de processos nem se deixou persuadir por dinheiro. No lugar de um coração, aquele homem deveria ter uma pedra.

Assim que terminou de se vestir, Melissa escovou os cabelos, tirou a carteira da bolsa e guardou-a no bolso da calça. Se ela se apressasse, talvez pudesse chegar à cidade a tempo de comprar todas as revistas disponíveis e voltar antes que J.D. desse por sua falta.

— Vou dar uma saída, señora. Não se preocupe se eu chegar atrasada para o jantar. Adoro um lanche frio de vez em quando.

Melissa chegou à cidade na metade do tempo que J.D. levara algumas horas antes. Estava preocupada demais para se lembrar dos guardas rodoviários.

Quando voltou para o rancho, seu porta-malas estava abarrotado de revistas e sua mente fervilhava.

Talvez tivesse agido precipitadamente. A quantidade de revistas disponível nos quiosques sugeria que poucas pessoas haviam comprado um exemplar. No entanto, quando a história se espalhasse de que uma loira platinada havia esgotado todo o estoque da cidade, a curiosidade levaria o povo a tentar descobrir a razão dessa atitude.

Ninguém a conhecia no lugar exceto o médico, sua secretária, o farmacêutico e a garçonete do restaurante à beira da estrada.

A única saída, ou tentativa de saída, seria esconder o carro e não se afastar do rancho por alguns dias. Era de suma importância que as pessoas não a ligassem a Hayes até que Jess voltasse de Ft. Worth. Depois que ela conversasse com ele, nada mais importaria. A essa altura, o mundo inteiro estaria sabendo que ela se encontrava no rancho.

Melissa guardou o carro e desligou o motor. Em seguida abriu o porta-malas e retirou um exemplar de cada revista após vasculhar rapidamente pelas diversas pilhas. Eram seis no total.

Impaciente demais para verificar os artigos, encostou-se no carro e começou a folhear as revistas ali mesmo, sem perceber que havia deixado o porta-malas aberto.

Seus olhos se encheram de lágrimas de frustração e de vergonha. As revistas nacionais eram as piores. Os títulos grotescos sugeriam um escândalo em grandes proporções. As fotos eram horríveis. Quem as escolhera deveria estar sentindo um prazer mórbido em apontar os Sedgewick como seres abjetos. As fotos dela, contudo, pareciam ter sido escolhidas a dedo, de tão bonitas.

Estava verificando a terceira revista e ainda não havia encontrado as palavras Everdine, Hayes e Texas. Mas seu alívio não foi duradouro. Ao término de um artigo numa das revistas especializadas em fofocas, eles diziam que aquela era apenas a primeira parte de uma reportagem de quatro capítulos, e que o próximo traria detalhes inéditos sobre a vida de Spenser Melissa.

Foi impossível controlar o soluço que brotou de seu peito. Melissa fechou a revista, levou-a ao rosto e chorou muito.

J.D. estava observando tudo o que estava acontecendo na garagem. O desespero de Melissa o comovia. Sua vontade era revelar imediatamente sua presença e tentar confortá-la, mas ciente de que ela poderia se sentir ainda pior se soubesse que havia testemunhas de seu problema, ele preferiu lhe dar a privacidade e tempo para recuperar seu autocontrole.

J.D. havia adivinhado que Melissa era filha de Jess Everdine. Não aprovava o modo que ela encontrara para se apresentar ao pai, mas ao vê-la chorando estava começando a rever sua opinião.

Gostaria que Melissa confiasse nele e lhe contasse exatamente o que estava acontecendo. Era óbvio que o problema era sério. Mas Melissa era misteriosa. Desde o instante em que chegara, não falara uma única palavra sobre si. Vivia sorrindo e brincando o tempo todo numa tentativa de se proteger.

Talvez a culpa não fosse dela. Em Hollywood as pessoas deviam aprender essa tática desde que nasciam para não acabarem sendo alvo de fofocas por parte dos colunistas sociais.

Como não conseguia calcular de quanto tempo Melissa precisaria para se acalmar, ele resolveu tentar um subterfúgio:

— Melissa Yahzoo, onde você está?

— Um momento — ela respondeu depois de vários segundos.

J.D. esperou que o porta-malas fosse fechado, antes de entrar.

— Não deveria estar cuidando de suas picadas em vez de passear? — ele a censurou. — Carmelita me disse que você pretendia tomar um lanche mais tarde porque precisava sair. É claro que não se conformou. Há um prato reservado para você no forno. Ela ameaçou me bater com a colher de pau se ousasse comer mais do que minha quota e avançar na sua.

O sorriso de Melissa foi genuíno.

— Como pode dizer isso de uma pessoa tão doce como Carmelita? Deveria se envergonhar.

— Você não sabe o que essa doce mulher tem feito comigo nesses anos todos! — J.D. exclamou com expressão marota.

Ela se virou para ele e lhe deu uma cotovelada, fazendo-o rir.

J.D. sentia-se contente por ter ajudado Melissa a se distrair. Ao mesmo tempo sentia-se culpado por colaborar com a farsa.

— Já fez confidencias a alguém?

O coração de Melissa disparou à pergunta e seus passos aumentaram de ritmo. Ela teria se afastado dele, talvez, mas J.D. foi mais rápido e segurou-lhe a mão.

"Oh, Deus!", ela pensou. "Será que J.D. me viu chorando com as revistas?"

J.D. continuou falando, como se ela tivesse respondido.

— Também não gosto de comentar sobre minha vida pessoal e nunca fiz isso, mas não tinha uma sócia até agora.

Depois de lançar a pequena bomba, J.D. se calou. Agora dependia dela. Ele fora muito sutil em lhe oferecer o ombro. Ela nunca havia recebido uma oferta mais comovente e honesta.

Amava John Dalton Hayes. Agora tinha certeza de que o amava como nunca amara ninguém. E que a distância entre eles havia aumentado a proporções assustadoras.

Melissa não tinha apetite à mesa, mas fez o possível para não recusar o prato que Carmelita tão gentilmente lhe preparara. Todos a tratavam bem no rancho. O gesto de Coley, em especial, lhe provocou um nó na garganta. Como adivinhou que ela não chegaria a tempo para ir ao refeitório tomar sua porção diária de sorvete, o cozinheiro mandou que lhe reservassem uma quantidade generosa e que a colocassem no freezer da casa.

Mais do que tratar bem, os empregados do rancho gostavam dela. Não porque estava relacionada aos Sedgewick, não porque era rica, não porque era sócia de J.D. Coley e Carmelita chegavam a mimá-la, algo que jamais faziam com o patrão.

Ao pensar nisso, Melissa sentiu-se ainda mais culpada, pois em breve seria a responsável por virar a vida deles de cabeça para baixo.

Pelo simples fato de ter sido registrada como Spenser Trevyn Sedgewick e feito planos egoístas como Melissa Yahzoo, ela havia comprometido a paz de todos os moradores do rancho Hayes. Principalmente Becky e Bobby, aquelas crianças maravilhosas e inocentes que não mereciam ter o mesmo sangue que ela.

Por sua culpa, seus irmãos ficariam traumatizados. A memória de sua mãe seria manchada e eles seriam alvos de comentários maldosos que os cobririam de vergonha. Naquele instante Melissa questionou-se sobre a razão de ela ter nascido e se a sua existência servia para alguma coisa.

No dia seguinte, por volta das duas horas, Melissa ouviu o jipe passar pela casa e Jess avisar sobre sua chegada com dois toques de buzina. Ela pensou que iria enfartar de tanto que seu coração batia.

Mesmo que Bobby não tivesse anunciado aos gritos que o pai havia chegado, ela teria adivinhado.

Bobby e Becky estavam na piscina fazia cerca de uma hora e ela havia acabado de atender ao chamado de ambos para vê-los nadar. Agora eles estavam se enxugando numa rapidez espantosa e vestindo suas camisetas e shorts para irem ao encontro do pai.

Melissa se levantou da espreguiçadeira que colocara na sombra e tentou controlar o tremor das pernas. Desejaria estar usando uma roupa mais sóbria do que shorts e uma blusa amarrada no alto da

cintura. Ainda por cima estava descalça. Em matéria de confiança em si, ela podia se atribuir uma nota zero.

Sentiu-se ainda pior quando ouviu o barulho do motor indicando uma marcha a ré. O fato de ter adiado deliberadamente o confronto com Jess pesava como uma sentença de morte.

O melhor que tinha a fazer era resolver esse problema de uma vez. Ela respirou fundo e subiu para o quarto a fim de ao menos passar uma escova nos cabelos. Como a coragem novamente lhe faltasse, sentou-se na cama e tentou reuni-la de alguma forma.

As crianças voltaram para a piscina após uns quarenta minutos. Carmelita estava preparando o jantar e J.D. fora à cidade resolver uns negócios. Jess deveria estar sozinho em sua casa. Com todos ocupados com alguma atividade, ela não encontraria um momento melhor para lhe falar.

Melissa vestiu sua roupa de trabalho. As picadas não estavam mais tão inchadas e doloridas e uma calça jeans talvez a fizesse sentir-se melhor.

Foi a pé até a casa dos Everdine na esperança vã de que uma rápida caminhada ao sol diminuiria sua ansiedade. Quando chegou diante da porta e bateu, a sensação que teve foi que desmaiaria no instante em que seus olhos e os de Jess se encontrassem.

Fez uma oração enquanto esperava que ele abrisse a porta e torceu para conseguir se comportar com naturalidade.

Assim que o viu, soube que a atitude dele havia mudado em relação a ela, o que era estranho pois as revistas ainda não haviam publicado os nomes de Bobby e de Becky.

— Eu gostaria de falar com o senhor, sr. Everdine, se puder me receber.

Até que ele respondesse, passou uma eternidade. Melissa tentou sorrir enquanto esperava, mas seus lábios tremiam demais. Quando Jess finalmente se dirigiu a ela, havia hostilidade em sua voz.

— Estou ocupado.

Dessa vez ela conseguiu se obrigar a sorrir aos moldes de Melissa Yahzoo.

— O que eu tenho a lhe dizer é muito importante, sr. Everdine. Poderia marcar uma hora para conversarmos?

— Escute aqui, Melissa ou Spenser ou quem quer que você seja hoje, a hora para conversarmos deveria ter sido marcada cinco anos atrás, mas você foi categórica quando disse que não estava interessada.

O sorriso congelou nos lábios de Melissa diante da acusação injusta.

— O que foi que disse?

— Que eu agradeceria se você voltasse para a Califórnia e procurasse um outro passatempo para se divertir. Até lá, fique longe de meus filhos.

— Por favor, sr. Everdine, é justamente por causa de Becky e de Bobby que eu...

A porta foi fechada com uma violência que a fez saltar para trás. O choque a deixou como que paralisada, com os olhos arregalados. Se Jess a tivesse agredido, não estaria se sentindo tão mal.

Por ação reflexa, Melissa tornou a bater. O silêncio dentro da casa era assustador. Ela empurrou o trinco na tentativa de forçar sua entrada, mas a porta não saiu do lugar.

Bateu uma terceira vez. Ela tinha de falar com Jess de qualquer jeito. Não podia se acovardar.

Seu tempo havia esgotado. Bobby e Becky precisavam se preparar para o que estava para acontecer; eles tinha de ser protegidos.

— Sr. Everdine? — ela insistiu.

Nunca havia sido mais humilhada em sua vida. Que Deus a ajudasse! Estava se sentindo tão fraca que quase não conseguia parar de pé.

Deu um passo para trás e um arrepio intenso percorreu sua coluna. Agora ela tinha certeza absoluta de que Jess Everdine era seu pai natural. As palavras que ele dissera faziam sentido. Acusara-a de um modo duro e amargo que a cobrira de vergonha.

Melissa olhou, de repente, para a casa de J.D. e lembrou de seu oferecimento gentil para ouvir seu desabafo, sua confidencia.

"Também não gosto de comentar sobre minha vida pessoal e nunca fiz isso, mas não tinha uma sócia até agora."

O eco daquelas palavras lhe provocou uma dor funda. Com elas, J.D. havia lhe prometido o impossível. A rejeição de seu pai não poderia ser resolvida por J.D. nem por ninguém. Se ela se deixasse enganar, acabaria sendo vítima de outra miragem emocional, como as inúmeras que sofrerá em sua vida.

Spenser Sedgewick e Melissa Yahzoo haviam perseguido demasiadas miragens emocionais. Não havia um lugar seguro para elas em nenhuma parte do mundo. Nenhuma das duas possuía um lar nem uma família para amar.

No rancho Hayes a situação de ambas não era diferente. No instante em que contasse a J.D. sobre os problemas que estava prestes a causar a todos, principalmente a Becky e a Bobby, teria sorte se ele não a expulsasse de suas terras sem lhe dar tempo para fazer nada exceto arrumar as malas.

Melissa entrou na casa sem fazer ruído para que não dessem por sua presença. No escritório de J.D. fechou a porta e tirou o telefone do gancho.

J.D. fez a última curva do caminho que levava a sua casa com tanta velocidade que quase derrapou. Algo havia acontecido. A certeza crescente de que o problema era grave o fez esquecer o prazer que sentira ao receber a notícia de que o rancho Hayes poderia ser totalmente dele outra vez.

A ligação da advogada de Melissa na Califórnia não poderia ter sido feita em melhor momento, pois ele estava no escritório de seu próprio advogado para tratar de alguns assuntos sobre o rancho.

A oferta de venda fora irrecusável. Como não podia deixar de ser, J.D. aceitou-a no ato. Hayes seria totalmente dele em breve. Teria de volta sua herança e seu orgulho. Recuperaria cada acre, cada poço de petróleo, cada cabeça de gado. No momento em que Melissa assinasse o documento de venda e ele fizesse a transferência de dinheiro para a conta dela, tudo voltaria a seu devido lugar.

Mas, por que a advogada de Melissa decidira telefonar ao advogado dele naquele exato momento? E por que a documentação de venda já estava sendo preparada? Melissa, afinal, estava em Hayes havia uma semana apenas e durante o período dera mostras de adorar a vida no rancho. Em acréscimo, a menos que ele houvesse entendido errado, ela era filha de Jess Everdine, e Becky e Bobby eram seus irmãos naturais.

Era por esses motivos que a oferta súbita de venda lhe parecia absurda.

Após considerar esses pontos, J.D. decidiu voltar atrás em sua decisão e pedir para seu advogado suspender o processo até que ele pudesse conversar pessoalmente com Melissa.

— Droga, J.D.! — o advogado reclamou. — Até alguns dias atrás você era capaz de matar para reaver aquele um terço do rancho. Se sua sócia é tão impulsiva a ponto de decidir vender sua parte de um minuto para outro, como pode ter certeza de que ela não mudará de ideia? Já pensou se os ambientalistas que estavam tão interessados no lugar lhe oferecerem mais dinheiro e ela der preferência a eles?

A informação sobre os ambientalistas deixou J.D. pasmo. Ele não sabia, até aquele momento, que Melissa não havia sido a única compradora a se interessar por Hayes. O fato de Raylene ter conseguido vender as terras por um valor acima do mercado agora estava explicado. Melissa precisara subir a oferta para vencer um grupo radical de ecologistas. Melissa o salvara e não lhe dissera uma única palavra a respeito.

Essa era mais uma razão para ele não tirar vantagem de sua oferta antes de descobrir por que ela estava subitamente tão ansiosa para vender suas terras.

Ele estava atrasado para o jantar, mas como havia avisado Carmelita que chegaria tarde da cidade, não ficou surpreso que a mesa estivesse arrumada para duas pessoas, e que a comida estivesse sobre o fogão.

Apenas quando o silêncio se prolongou e o pressentimento de que algo de ruim realmente havia acontecido lhe apertou o peito, ele resolveu chamar:

— Alguém em casa?

Capítulo 7

Melissa tomou mais um gole de uísque quando ouviu o jipe de J.D. parar.diante da casa. Ela estava sentada em uma das cadeiras do escritório e havia puxado as cortinas para escurecer o ambiente.

A rejeição de Jess estava doendo muito. O único bálsamo para essa dor fora sua decisão de devolver as terras para J.D.

Um sorriso amargo surgiu nos lábios de Melissa. Vender Hayes de volta a J.D. sugeria uma chantagem ou uma propina infame ou ainda uma tentativa covarde de conquistá-lo para sua causa quando o escândalo se tornasse público.

Melissa tomou outro gole de uísque e percebeu que a bebida já não estava mais queimando sua garganta nem provocando tosse. Seu estômago também não estava dando reviravoltas. Talvez a propaganda contra o uso de álcool fosse exagerada.

Ela nunca havia tomado drogas ou álcool para combater sua dor, mas aquele uísque parecia estar ajudando-a. A partir daquele dia pensaria duas vezes antes de recusar um drinque. Por outro lado, todas as pesquisas provavam que as clínicas para drogados e alcoólatras estavam repletas de pessoas como a pobre SpenserMelissa.

Quando ouviu J.D. perguntar se havia alguém em casa, esvaziou o copo e apanhou a garrafa. Estava acabando de servir-se de outra dose quando ouviu os passos dele pelo corredor.

J.D. acendeu a luz e ela fechou os olhos devido à súbita claridade.

— Está afogando as mágoas em meu uísque, Hollywood? — ele perguntou em tom de surpresa.

— Sim, John Dalton, creio que estou. Recebeu meu recado?

Ele sorriu e começou a caminhar em sua direção.

— Parece-me que você está me enviando mais de um recado. O que está acontecendo, querida? — J.D. puxou uma cadeira e colocou-a na frente de Melissa.

Mais de um recado? Melissa estranhou. O povo do Texas parecia ter uma linguagem própria. Jess Everdine, por exemplo, usara um código que ela não conseguira entender por mais que se esforçasse. J.D. estava fazendo o mesmo agora. E não podia culpar o uísque, pois não havia bebido nada antes de procurar Jess.

— Foi um recado só, J.D.

— Está se referindo à venda de sua parte do rancho? Se estiver, eu o recebi e lhe sou grato.

Melissa franziu o cenho. Pela expressão de seu rosto, J.D. não parecia satisfeito.

— Foi uma espécie de suborno, como você deve ter notado.

J.D. inclinou o corpo para a frente e apoiou os ante-braços sobre os joelhos.

— De que tipo?

— A mais horrível.

J.D. se inclinou mais, estendeu a mão e segurou a dela com imenso carinho.

— Por que você resolveu me comprar?

A pergunta feita em tom baixo fez a dor voltar apesar da quantidade de uísque que ela havia ingerido. De repente, a emoção da lembrança lhe provocou um nó na garganta.

— Eu só trouxe problemas a Hayes, John Dalton. Não suportarei se você passar a me detestar quando descobrir o que fiz.

J.D. tirou o copo de sua outra mão e também a segurou.

— Nenhum problema será grande o suficiente para me fazer detestá-la, Melissa.

— Diz isso porque não pode imaginar o que está por acontecer! Em breve, seu rancho estará forrado de repórteres e fotógrafos e eles não se deterão diante de nenhum obstáculo para infernizar a vida de todos que vivem aqui, especialmente Becky e Bobby.

Um soluço interrompeu a explicação de Melissa. Enquanto chorava, ela tentou organizar os pensamentos de modo a confessar a J.D. todos os seus receios.

— Por que eles perseguiriam Bdbby e Becky? A pergunta ajudou-a a raciocinar.

— A mãe de Bobby e de Becky, Sarah, foi quem me pôs no mundo. Não sei se Jess Everdine é meu pai ou não, mas sei que é.

Ela não se deu conta da afirmação contraditória, mas J.D. sorriu ao ouvi-la.

— Eu adivinhei isso no dia em que você e Becky começaram a pintar a cerca.

— Bem que eu desconfiei — Melissa murmurou. — Um escritor famoso está publicando uma biografia sobre os Sedgewick. Nesse livro, ele menciona os nomes de Becky e de Bobby e também o nome do lugar onde vivem. Eu não consegui convencê-lo a deixá-los fora. Em poucos dias ou horas os repórteres começarão a persegui-los. Meus irmãos serão informados de que nossa mãe teve um romance quando ainda era solteira e que entregou seu bebê para adoção. A memória dela será manchada. Eles sentirão vergonha por minha causa. Não merecem isso, John Dalton. Como se sentirão perante os amigos e colegas da escola?

Melissa apertou as mãos de J.D. como se precisasse encontrar forças para prosseguir.

— Entende agora por que eu tive de suborná-lo?

De repente ela quis se desvencilhar e sair do escritório, mas J.D. não permitiu.

— Um momento. Já contou essa história a Jess? Melissa baixou os olhos, incapaz de encará-lo. Estava ferida demais para contar a J.D. sobre seu encontro com Jess. Não poderia dizer a ninguém que Jess havia lhe dado uma merecida lição por ela ter se atrevido a se intrometer nas vidas de seus filhos.

— Melissa? — J.D. insistiu e ela não pôde continuar se recusando a responder.

— Não.

— Precisa fazer isso quanto antes. Esta noite, se pudermos anular os efeitos da bebedeira.

Ela fitou-o, horrorizada, e negou com um movimento de cabeça.

— Não. Eu não posso.

— Ele precisa saber, Melissa. Você tem de contar.

— Não posso — ela repetiu.

— Foi por esse motivo que veio a Hayes, não? — ele perguntou. — Para encontrar sua família e

avisá-la?

— Não inteiramente.

J.D. precisou erguer uma sobrancelha para ela perceber que havia falado demais. Os olhos escuros pareciam transpassá-la. Ela não tinha saída a não ser contar a verdade de uma vez.

Acontecia que a verdade era por demais humilhante e egoísta. No momento em que J.D. a ouvisse, ele a desprezaria para sempre.

Ela pôs-se a rir e a chorar ao mesmo tempo numa crise histérica.

— Se eu lhe contar, será a última gota.

— O que está dizendo não faz nenhum sentido para mim, Melissa.

— Mas meu plano fazia sentido para mim. Ele me parecia perfeito.

— Que plano?

— O de vir aqui e fazer com que Bobby e Becky gostassem de mim antes de descobrirem quem eu sou. Eu não queria que ninguém soubesse sobre os Sedgewick, principalmente eles. Não queria tampouco que eles se sentissem obrigados a gostar de mim porque sou irmã deles. Pensei que teria tempo para conhecê-los e conquistá-los antes que o livro fosse publicado. Não queria que pensassem que eu era como Dillon Casey me descreve...

O silêncio de J.D. parecia confirmar a impressão que ela tinha de si mesma. Era uma criatura vazia e egocêntrica. A expressão com que a fitava era tão terrível quanto fora a de Jess e as dos Sedgewick.

"Havia sido julgada por unanimidade", Melissa pensou. Não precisava aguardar para saber as opiniões de Becky e deBobby a seu respeito. Certas decisões não exigiam muitas reflexões.

J.D. continuava encarando-a de um modo indecifrável e ela percebeu, naquele instante, que estava cansada de tentar ler os pensamentos dos outros, cansada de procurar o que tanto desejava encontrar.

A fadiga e os efeitos do álcool se somaram e fizeram com que as paredes começassem a girar. As pálpebras pesavam uma tonelada. A consciência fugiu.

J.D. amparou-a quando seu corpo dobrou para a frente. Ela não percebeu. Estava dormindo.

Ele a carregou para o quarto, deitou-a na cama e cobriu-a. Sabia que Melissa escondia uma porção de segredos, mas tinha certeza de que havia adivinhado a maioria deles. Sob a beleza e os sorrisos, Melissa escondia uma grande amargura. Algo lhe havia acontecido naquele dia. Algo que ela não quisera contar. Melissa já sabia sobre o livro e da necessidade que tinha de avisar Jess, antes de vir a Hayes. Ela já havia julgado, inclusive, seu procedimento egoísta e especulado sobre o efeito que o livro exerceria sobre as crianças.

A venda de sua parte no rancho e a bebedeira não se encaixavam. Ambas as atitudes demonstravam algum tipo de reação. Sua súbita recusa em falar com Jess não fazia sentido. Ela não havia confessado que aquela fora uma das razões que a trouxera a Hayes?

A menos que Melissa já houvesse tentado e falhado. Quanto mais ele considerava a hipótese, mais provável ela lhe parecia. Isso explicaria o uísque e a recusa em procurar o pai.

J.D. sentou-se na beirada da cama e fitou-a, enternecido. Poderia deixá-la dormir naquela roupa se não fossem as picadas. Mas preferia suportar a tortura de despi-la sem poder tocá-la, se isso fosse

lhe proporcionar conforto.

Deitou-a de lado e despiu-a até que ficasse apenas de calcinha e sutiã, tentando ignorar o corpo frágil e perfeito. Depois cobriu-a com um lençol até o queixo. Não cansava de olhar para aquele rosto de fada e de pensar que aquele pequeno ser havia tido suas asas machucadas.

Se era verdade que Melissa viera ao rancho porque queria que Bobby e Becky a amassem pelo que era, esforçara-se desnecessariamente. Todos, afinal, gostavam de Melissa Yahzoo. Todos se apaixonavam por suas maneiras afáveis e divertidas. Como ela não havia percebido? Como vivia Melissa Yahzoo para pensar que precisava subornar as pessoas para que elas não a detestassem?

J.D. ponderou sobre as diferenças elementares entre eles e ficou perplexo em descobrir que elas continuavam mais acentuadas do que nunca. Como seria se, por acaso, eles resolvem acatar a sugestão de Carmelita de se casarem?

A ideia foi imediatamente afastada. A união de dois seres tão opostos só poderia acabar como acabara seu primeiro e frustrado casamento.

Levantou-se da beirada da cama e tropeçou em algo. Olhou para baixo e viu a ponta de uma revista sob a cama. Ajoelhou-se no chão para ajeitar a revista de modo a não provocar a queda de Melissa quando ela acordasse.

Qual não foi sua surpresa quando viu uma pilha de revistas, sendo que uma delas exibia uma foto de Melissa com um vestido preto de noite que o fez engolir em seco.

A curiosidade falou mais alto e ele folheou as revistas. Quase todas exibiam fotos de Melissa com os Sedgewick. O fato de os artigos mencionarem que se tratava de uma biografia não autorizada encheu-o de raiva.

Aquela era a razão verdadeira que trouxera Melissa a Hayes. Invasão de privacidade e sensacionalismo barato.

Furioso, J.D. devolveu as revistas ao lugar de onde as tirara e olhou mais uma vez para o rosto adormecido emoldurado por uma cascata de cabelos platinados. Melissa parecia vulnerável e pura demais para estar na boca do mundo. Se pudesse, ele moveria montanhas para protegê-la.

Melissa acordou por volta das dez horas na manhã seguinte. Sua cabeça latejava e a boca tinha um gosto amargo que lhe provocava náuseas. Passaram-se alguns minutos até ela se lembrar do motivo que a deixara tão mal. Amaldiçoou o uísque e se levantou após duas tentativas.

Enquanto se encaminhava ao chuveiro, estranhou que não estivesse de pijama. Um súbito alarme soou em sua mente. O que havia acontecido com ela?

Já havia terminado o banho e estava enxugando os cabelos quando se recordou, e preferiu não ter recordado.

— O patrão disse que era para eu lhe dar isso. — Carmelita colocou um copo alto diante de Melissa, assim que ela se sentou à mesa da cozinha. — Veneno se cura com veneno.

Melissa olhou com desconfiança para o líquido amarelo com nuances de laranja e vermelho. Provou um gole e fez uma careta. Seu estômago contraiu.

— Esse é o remédio de família para curar ressacas. Diante da seriedade com que Carmelita falou, Melissa sentiu as faces arderem.

— De que é feito?

— Tomou meia garrafa de uísque e está com medo de um remédio caseiro? — Carmelita sorriu. —Vamos, beba. Arrependa-se do que fez e prometa a si mesma não tornar a fazê-lo para que nunca mais precise tomar esta poção.

O senso de humor de Melissa melhorou diante dos modos amigáveis da governanta. Ela ainda gostava dela. Por enquanto.

Melissa tornou a olhar para o copo e para Carmelita. Esta cruzou os braços e não se afastou de seu lado. Melissa fechou os olhos e virou o conteúdo de uma só vez. A consistência viscosa lembrava ovo cru, pimenta-de-caiena e molho picante. Ela estranhou que também parecesse haver uísque na mistura. Teria sido a isso que Carmelita se referiu quando disse que veneno se curava com veneno?

Assim que terminou de tomar o remédio, Carmelita tirou o copo de sua frente e substitui-o por um vidro de aspirina e por duas torradas secas.

O estômago de Melissa deu uma reviravolta e ela precisou correr para o banheiro. Bastou alcançá-lo para a náusea passar. Voltou para a cozinha e sentou-se. Quando terminou de comer as torradas e tomou uma aspirina, começou a sentir-se ela mesma outra vez.

Com a cura da ressaca, entretanto, os eventos do dia e da noite anterior começaram a desfilar em sua mente. Ela havia feito um papel de tola perante Jess e J.D. Esperava nunca mais vê-los ou morreria de vergonha.

No mesmo instante, J.D. entrou pela porta da cozinha.

— Está melhor?

Melissa evitou encará-lo. Não suportaria ver seu olhar de reprovação. E estava apavorada que ele a obrigasse a enfrentar Jess e se submeter a outro vexame.

— Jess está vindo para cá — ele disse sem preâmbulos. Melissa se levantou de um salto.

— Não posso falar com ele agora!

— Quer que eu fale em seu lugar?

O oferecimento lhe provocou uma onda de gratidão.

— Sim, por favor.

— Mas não seria correto e você sabe disso. Você mesma deve falar com ele, Hollywood.

— Não posso — ela respondeu tão baixo que ele mal conseguiu ouvi-la.

— Você gosta das crianças?

— Sabe que sim.

— Então faça o que deve ser feito.

Melissa não pôde afastar os olhos daqueles que a fitavam solenemente e que lhe enviavam a mensagem de que J.D. ficaria decepcionado se ela se recusasse.

Ele, sem dúvida, não teria hesitado em cumprir seu dever. Era um homem de moral rígida e não sabia o significado da covardia.

Mas ela não era como ele. A covardia era sua maior característica. Prova disso era a maneira com que se apresentara no rancho.

Por outro lado, Melissa valorizava demais a aprovação de J.D. para não tentar atendê-lo. Amava-o exatamente por ser como era e por estar ajudando-a a fazer o que era certo. Era de alguém como ele que ela precisara durante toda sua vida. Alguém que lhe desse parâmetros, que equilibrasse sua natural exuberância e que definisse um padrão de vida para ela seguir.

J.D. era prático, justo e tinha os pés no chão. De repente, Melissa se deu conta de que faria qualquer coisa para não desapontá-lo. Tivesse ou não uma chance de ganhar seu amor, fosse ou não aceita pelos Everdine como um membro da família, ela nunca mais teria paz se ao menos não tentasse.

— Está bem. Eu falarei com ele — prometeu.

J.D. a conduziu em seguida ao escritório e Jess chegou um minuto depois. O modo com que a encarou demonstrava o quanto se sentia incomodado por estar ao lado dela.

J.D. havia se afastado assim que a deixara no escritório. Ela, aproveitando que Jess ainda não havia chegado, correu para o quarto e apanhou as revistas.

Agora que J.D. os havia deixado a sós e fechado a porta, ela pensou que não teria forças para prosseguir. Jess não lhe dava chance de falar. Ele nem sequer olhava para ela.

Com os nervos em frangalhos, Melissa abriu uma revista e começou a falar:

— Um escritor famoso, especializado em biografias escandalosas e não autorizadas de artistas, escreveu um livro sobre meus pais adotivos.

— Eu vi sua foto em uma dessas revistas quando estive em Ft. Worth — Jess disse em tom brusco e hostil.

Ela estendeu as revistas e ele não as pegou. Melissa mordeu o lábio. Quando estava pensando em desistir, Jess finalmente aceitou-as. Melissa deixou que ele as folheasse, mas quando chegou a última, apontou para o título do artigo.

— É com isso que estou mais preocupada. — Era o anúncio de que na edição seguinte a revista trataria da vida de Melissa com os Sedgewick. — Eu contratei um detetive particular para localizar minha mãe, mas ele me disse que não conseguiu nenhuma informação sobre seu paradeiro. Ele trabalhou para mim durante anos sem sucesso. Quando eu descobri que os Sedgewick o haviam subornado para que mentisse para mim, eu resolvi contratar alguém em outra cidade, em segredo. O novo detetive encontrou-a em pouco tempo, mas numa sepultura. Ele me contou também que Sarah havia tido mais dois filhos e que poderia me fornecer seu endereço se eu quisesse.

Os movimentos inquietos de Jess fizeram com que ela o poupasse dos detalhes sobre a compra de Hayes e do plano que fizera para conhecer os irmãos antes que eles descobrissem quem ela realmente era.

— Alguém que trabalhava para o investigador soube sobre o projeto do escritor e lhe vendeu a informação sobre a existência de Bobby e de Becky. — Ela fez uma pausa e percebeu que havia conseguido a total atenção de Jess. — Eu procurei Dillon Casey, o escritor, e implorei para que ele deixasse as crianças de fora e que não revelasse o endereço delas. Acontece que esse tipo de detalhe é o forte em livros como o dele. O homem não tem medo de um processo. Ao contrário, ele considera qualquer escândalo uma rendosa publicidade. Por isso, eu não consegui persuadi-lo a poupar Becky e Bobby.

Jess pareceu ficar ainda mais furioso do que na tarde anterior.

— Está me dizendo que meus filhos serão crucificados pela imprensa e que seus pais terão sua história íntima divulgada ao mundo?

— Sim, infelizmente é isso que estou lhe dizendo, e também que sou a culpada por tudo. Eu sinto muito.

Melissa quis morrer quando Jess fez menção de sair da sala. Acompanhou-o com os olhos cheios de lágrimas. Antes de bater a portai ele repetiu as palavras que dissera na tarde anterior.

— Fique longe de meus filhos!

Pálida e trêmula, Melissa recolheu as revistas espalhadas pelo chão e jogou-as no cesto do lixo antes de se dirigir à garagem.

Capítulo 8

Melissa não queria ver ninguém, nem sequer Carmelita. Sentia-se inquieta, tensa e traída pela impiedosa recompensa que tivera por agir certo, apesar de tardiamente.

Subiu em seu carro na penumbra da garagem. Em seguida, pressionou o botão que acionava a abertura da porta e esperou.

Viu pelo espelho retrovisor que não havia ninguém no pátio. Com alívio, ligou o motor e engatou a marcha a ré. Momentos depois manobrou o carro pelo caminho de cascalhos, deixando atrás de si uma nuvem de pó.

Quando alcançou a estrada, acelerou. O vento sobre os cabelos parecia varrer sua mente e levar consigo os pensamentos sombrios. Ela gostava de velocidade, mas nunca havia se permitido experimentar o limite máximo de um carro. A não ser nesse dia ensolarado e numa estrada tão vazia quanto sua alma.

Ela já havia se afastado bastante do rancho quando um guarda rodoviário a deteve e multou-a. Tentou suborná-lo e foi ameaçada de prisão. Mas acabou se livrando por meio do inegável charme de Melissa Yahzoo.

Após a ocorrência, Melissa não abusou mais de sua sorte e obedeceu os limites de velocidade impostos pela lei. Estranhamente, à medida que começou a obedecer uma disciplina, suas emoções foram se acalmando.

Resolveu, então, que já havia explorado as estradas do Texas o suficiente e resolveu voltar.

Ela já havia deixado para trás a cidade mais próxima a Hayes, quando avistou um carro parado no acostamento de uma pequena elevação. Diminuiu a marcha ao reconhecer a jovem loira que estava encostada ao capo.

Becky sabia que era ela, provavelmente por causa do carro, e se pôs a acenar com ambos os braços.

Melissa não se lembrou da ordem de Jess para que se mantivesse longe de seus filhos, mas mesmo que se lembrasse, teria parado do mesmo jeito.

Becky correu para ela antes que pudesse descer do carro.

— Meu pneu furou, Melissa. Eu o tirei para trocar, mas o estepe também está furado. Você poderia me dar uma carona até a cidade para consertá-los?

Melissa desconfiou de um estratagema, mas uma rápida reflexão sobre o movimento inexistente na estrada obrigou-a a acreditar em Becky. Além disso o sol estava escaldante. Não poderia recusar uma carona a Becky de modo algum.

— Coloque os pneus no meu porta-malas — Melissa disse e pressionou o botão que abria o compartimento antes de descer para ajudar a irmã.

— Obrigada, Melissa — Becky agradeceu enquanto ambas afivelavam os cintos de segurança. — Estava com medo de ser obrigada a voltar para casa a pé.

— Tudo bem.

A resposta foi curta e atenciosa, mas Melissa esperava que a irmã percebesse que ela também

fora um convite ao silêncio. Não queria saber se Jess havia falado aos filhos a seu respeito e principalmente o que ele havia contado.

Durante as horas em que vagara pelas estradas, Melissa havia decidido voltar ao rancho, arrumar suas coisas e se hospedar num hotel até que os documentos de venda estivessem prontos para ser assinados.

Seu sonho de fazer parte de uma família estava desfeito. Era preciso desaparecer de Hayes o quanto antes. Jess não queria vê-la.

O prospecto de que J.D. não faria nada para detê-la era tão abominável que ela se recusava a imaginá-lo. Preferia continuar nutrindo uma pequena esperança de que o futuro traria o entendimento.

Tratava-se de mais uma miragem emocional, ela sabia, mas sua vida inteira havia se baseado em miragens e era impossível quebrar o hábito.

Chegaram à cidade em pouco tempo e Melissa se dirigiu ao primeiro posto de gasolina. Enquanto o atendente cuidava dos pneus, Melissa convidou Becky para tomar um refrigerante.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Melissa? — Becky qujs saber enquanto tomavam uma soda num banco à sombra.

O tom hesitante fez Melissa enrijecer.

— Que pergunta? — ela tentou desencorajar a abordagem de um assunto sério, olhando propositadamente em outra direção. Havia notado o desassossego de Becky durante todo o percurso e algo lhe dizia que a verdade não poderia ser evitada por muito tempo mais.

— Você é mesmo minha irmã?

As palavras caíram sobre Melissa como uma bomba. Sem saber o que dizer, ela tomou um gole da soda.

— Nós somos irmãs, Melissa?

A voz suave de Becky tocou-a fundo.

— Somos — Melissa confessou olhando para Becky. Depois baixou a cabeça e suspirou. — Estou vendendo minha parte do rancho a J.D. Estava voltando para o rancho para apanhar minhas coisas quando você me parou. Pretendo deixar o Texas assim que assinar os documentos.

Becky apertou-lhe o braço.

— Você não pode ir embora. Bobby e eu queremos conhecê-la melhor.

Melissa negou com um movimento de cabeça.

— Agora não será possível, querida. Talvez quando vocês forem mais velhos. Ou melhor, com certeza daqui a alguns anos.

Becky franziu o cenho.

— Papai costuma esquecer logo suas zangas. Eu disse a ele que você devia estar muito arrependida por ter escrito aquela carta, ou não teria vindo aqui.

— Carta? Que carta? — Melissa indagou, surpresa.

— Aquela que você escreveu a mamãe e papai. Melissa se virou para Becky e segurou-lhe a mão.

— Eu nunca escrevi a eles. Acho que deveria ter feito isso para preveni-lo sobre minha vinda, mas não fiz. O que você sabe sobre essa tal carta?

O olhar confuso de uma se espelhava no da outra.

— Papai e mamãe contrataram um detetive para encontrá-la quando você fez dezoito anos. Ele descobriu que você havia sido adotada por um casal de artistas. De posse de seu nome e endereço, papai e mamãe lhe escreveram uma carta. Segundo ele, levaram vários dias para se definirem pelas palavras, pois não queriam que você pensasse que estavam atrás de seu dinheiro.

Melissa precisou respirar fundo diversas vezes para manter o controle. Jess e Sarah haviam lhe enviado uma carta! Fora a ela que Jess se referira no dia anterior quando afirmara que o assunto deveria ter sido resolvido cinco anos antes.

Quando Becky lhe contou que a mãe marcava cada dia no calendário da cozinha a espera de uma resposta, Melissa sentiu uma profunda tristeza invadi-la.

— A carta com o selo da Califórnia foi entregue pelo correio um mês mais tarde. O envelope havia sido datilografado assim como a mensagem. Ela dizia que a srta. Spenser Trevyn Sedgewick apreciaria se os Everdine não tornassem a procurá-la, pois um capataz de um rancho no Texas e sua família não tinham nada a lhe oferecer. Melissa escondeu o rosto entre as mãos trêmulas. Ela jamais suspeitara da existência daquelas cartas.

— Mamãe se recusou a jogar fora sua resposta. A carta está guardada até hoje no cofre. Você não pode imaginar o quanto mamãe a queria. Ela enumerou uma série de desculpas em seu nome. Dizia que você ainda era muito jovem para entender, que estava acostumada a uma vida luxuosa e que acabaria amadurecendo com o tempo...

Becky parou abruptamente de falar e Melissa percebeu que havia mais algum fato grave naquela terrível história.

— O que mais aconteceu, Becky?

A irmã não respondeu. Suas mãos estavam tremendo.

— Por favor, Becky. Eu preciso saber. Becky balançou negativamente a cabeça.

— Juro que nunca recebi nenhuma carta deles. Se eu soubesse que eles me queriam, teria vindo em seguida. Eu procurei muito por nossa mãe. Tentei localizá-la durante anos a fio.

— Então quem foi que enviou a carta em seu lugar?

Melissa sentiu uma raiva surda invadi-la. Os Sedgewick nunca haviam se importado com ela. Nunca lhe deram carinho e atenção. Com que direito haviam manipulado a vida dela a esse ponto?

— Angela, por certo — Melissa confessou com dificuldade. — Agora você pode me contar mais?

Becky mordeu o lábio e Melissa entendeu.

— Eles nunca mais foram os mesmos depois do golpe, não é? Especialmente mamãe.

Os olhos de Becky se encheram de lágrimas.

— Ela se recusou a destruir a carta. Eu a surpreendi chorando muitas vezes. Os pesadelos eram frequentes. Ela dizia a papai que havia sonhado que você estava precisando de sua ajuda e que ela não estava fazendo nada para ajudá-la. Ele ficava nervoso nessas ocasiões. Dizia que era o único culpado, que mamãe não teria dado você para adoção, se ele estivesse ao lado dela.

Melissa não pôde resistir mais. Passou as mãos pelos cabelos e se levantou. Nesse instante cambaleou devido a uma súbita vertigem.

— Oh, Melissa, por favor, sente-se! — Becky se levantou em seguida e tentou segurá-la.

Melissa não obedeceu. Em vez disso se dirigiu ao sanitário do posto. Precisava ficar sozinha por um momento e Becky entendeu.

A informação de que o sofrimento de Sarah havia sido tão grande fez a infância e a adolescência de Melissa parecerem menos importantes. O que ela havia suportado durante o crescimento não fora nada em comparação com o sentimento de culpa de sua mãe por não ter encontrado coragem suficiente para criá-la. O fato de que toda aquela angústia poderia ter tido um fim cinco anos antes, quando Sarah ainda era viva, fez com que Melissa chorasse desconsoladamente.

A única oportunidade de se conhecerem e de se amarem havia sido roubada. A carta tão meticulosamente escrita por Sarah e Jess por medo de serem mal-interpretados havia caído em mãos inescrupulosas.

Não se admirava mais por ter Jess tê-la tratado com brutalidade.

Os soluços pararam. A dor e o choque eram profundos demais para encontrarem alívio nas lágrimas. Ela não saberia dizer quanto tempo havia passado até que os tremores cessassem.

Por fim, abriu a torneira e lavou o rosto. A pobre Becky estava esperando-a. Precisava se recompor custasse o que custasse.

A certeza de que o mal não poderia ser reparado com relação a Sarah provocava-lhe um aperto no peito.

Tentou sorrir ao ver Becky com os olhos vermelhos e inchados.

— Será que os pneus estão prontos?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Acabaram de colocá-los no seu porta-malas. Você está bem?

Melissa colocou um braço ao redor dos ombros da irmã enquanto se dirigiam ao carro.

— Por favor, não se preocupe comigo. — Um minuto depois, Melissa tornou a falar. — Acha que seu pai acreditará em mim se eu disser que não fui eu quem escreveu aquela carta? Mesmo que eu não possa lhe dar uma prova?

Melissa se deteve para pensar. Mesmo que ela conseguisse convencer Jess, não poderia reverter o passado. Ninguém se sentiria melhor com isso, a não ser ela mesma. Por outro lado, não era justo que a crueldade de Angela continuasse a ser atribuída a ela.

Becky torceu as mãos.

— Eu não sei, mas direi a ele que acredito em você.

— Não faça isso, querida — Melissa pediu. — Por favor, não tente intervir. Não quero me colocar entre vocês.

No carro, antes que Melissa ligasse o motor, Becky segurou-lhe a mão e pediu, ansiosa.

— Por favor, Melissa, fique. Fique ao menos mais alguns dias.

— Não sei — Melissa respondeu. — Acho melhor ir embora.

— Não, isso não pode ser melhor. Talvez J.D. consiga interceder junto a meu pai por você.

Melissa empalideceu. Ela não estaria deixando apenas sua família e o rancho. Estaria deixando John Dalton também, o único homem que amara e com quem gostaria de partilhar toda sua vida.

— Não — Melissa respondeu com firmeza. —Também não quero colocar J.D. no meio de meus problemas.

— Mas, Melissa...

Um jipe entrou no posto naquele momento e o motorista se pôs a buzinar de um modo ensurdecedor. Melissa e Becky se assustaram. Quando olharam para o veículo que havia parado ao lado do conversível, estremeceram.

— Entre no jipe, Becky! — Jess ordenou, vermelho de raiva.

— Vá depressa, Becky — Melissa murmurou.

A pronta obediência de Becky, contudo, não impediu que Jess se colocasse ao lado de Melissa e gritasse:

— Quando eu lhe avisei que não queria que se aproximasse de meus filhos, o que foi que pensou?

Melissa olhou para aquele rosto zangado e não pôde responder. Deus, aquele homem era seu pai e estava destruindo suas últimas esperanças de um entendimento mútuo.

Ela desceu do carro com a rapidez de um raio.

— Pensei que deveria ajudar Becky. Talvez queira passar os pneus do carro dela para seu porta-malas.

Nem Melissa nem Jess Everdine conseguiam afastar os olhos um do outro. Naquele momento, o que Becky lhe contara sobre os pesadelos de Sarah voltou-lhe à mente e intuiu-a.

A ideia de que aquele homem havia sido o responsável pelo sofrimento de sua mãe e dela e que tinha o desplante de culpá-la por tudo, a fez reagir:

— Como foi mesmo que aconteceu, sr. Everdine? Olhou bem para mim e disse a Sarah que não me queria? Meu nascimento não lhe foi conveniente? Ou não gostou de mim à primeira vista?

Os olhos de Jess se toldaram de tristeza, mas aquilo era pouco diante do que ela e sua mãe haviam sofrido a vida inteira.

Melissa voltou para o carro e se colocou atrás do volante. Assim que ouviu o porta-malas ser fechado, ligou o motor e acelerou.

De repente estava desesperada para chegar a Hayes e desabafar no ombro amigo de J.D. Precisava sentir os braços fortes ao redor de seu corpo. Estava faminta por um beijo que pudesse ficar gravado para sempre em sua boca, em sua mente e em seu coração. Precisava levar consigo uma marca dele quando partisse.

Precisava deixar Hayes com urgência. Aquela noite. Ela era e continuaria a ser a garota solitária de sempre. Conseguira uma parte do que queria, afinal. Jess estava ciente da chegada dos repórteres a qualquer momento. Não estava mais tão preocupada com ele. Com um coração duro como o aço, ele acabaria logo com aqueles que ousassem prejudicar seus filhos.

Não havia mais nenhuma razão que a prendesse em Hayes. Sua presença poderia provocar uma

briga entre as crianças e o pai e comprometer um possível entendimento futuro com elas.

Miragens... Eram apenas miragens o que Melissa conseguia enxergar a distância.

Capítulo 9

— Faz tanto tempo que saiu que já estávamos ficando preocupados! — Carmelita exclamou quando Melissa entrou na cozinha.

— Peço desculpas, señora — Melissa respondeu com um sorriso pálido. — Não era minha intenção preocupá-los. Espero que não se ofenda por eu não provar seu delicioso jantar esta noite. Não estou me sentindo muito bem.

Melissa não conseguiu se estender e dizer à governanta que pretendia subir e arrumar as malas. Não com aqueles olhos meigos tentando ler em seu rosto o que poderia ter acontecido para deixá-la naquele estado.

Assim que Carmelita se distraiu com o fogão, Melissa aproveitou e subiu para seu quarto.

Havia acabado de abrir a maior das malas sobre a cama quando ouviu os passos pesados de J.D. ao longo do corredor.

— Não sabia mais o que pensar, Hollywood. Por que saiu sem avisar?

Ela queria responder com aquele jeito alegre, típico de Melissa Yahzoo, mas não conseguiu nem sequer sorrir.

— Isso significa que você gosta de mim, John Dalton?

— Significa que fiquei preocupado — ele disse, sério.

— Porque eu ainda não assinei os papéis? — Ela atravessou o quarto, deu-lhe um tapinha no ombro e prosseguiu até a cômoda de onde tirou uma pilha de roupas. — Não tenha medo. Antes de viajar para o Texas eu acrescentei algumas linhas ao meu testamento. No evento de minha morte, a terça parte de Hayes lhe será doada imediatamente. Ela não esperava por uma reação tão violenta.

— Por que gosta de chocar as pessoas? — ele indagou, obrigando-a a encará-lo com um movimento brusco e depois cravando os dedos em seus braços.

— O que eu disse é a realidade, J.D. A primeira preocupação de todo o mundo é saber quem eu sou, o que tenho e o tamanho de minha conta bancária. Por que você seria diferente?

Mal havia acabado de falar, Melissa se arrependeu.

— Sinto muito, John Dalton — ela disse assim que se soltou. — Você não merecia ouvir isso. Existe alguma chance de você me perdoar?

Ele se aproximou às suas costas e pousou as mãos em seus ombros.

— Gostaria que nos despedíssemos como amigos — Melissa sussurrou.

— Por que diz isso? Pretende ir a algum lugar?

— Oh, sim. Eu já me cansei desta parte do Texas. De repente as mãos soltaram seus ombros e abraçaram seu corpo. Ela não pôde resistir ao impulso de se voltar para ele e enlaçá-lo pelo pescoço.

— Jess a maltratou?

— Tratou-me como eu merecia ser tratada. Por outro lado, fiz acusações horríveis a ele. Não sabia que havia aprendido tantas coisas com Angela. Sinto muito, J.D. Eu não queria envolvê-lo nos meus problemas. Admiro você. Gostaria de ser tão homem quanto você — brincou.

— Se fosse, estaríamos dando um espetáculo agora — ele retrucou. — Não sei o que se passa exatamente entre você e Jess, mas percebo que está sofrendo muito e não gosto disso. Você é minha sócia, Melissa Yahzoo, e enquanto continuar sendo a dona da terça parte de Hayes não pode ir embora.

A gratidão e a ternura que aquelas palavras lhe trouxeram foram suficientes para fazê-la repensar a decisão, embora continuasse a falar sobre sua partida.

— Nós estamos prestes a assinar os documentos de venda, J.D., esqueceu?

—Você sabe como são os advogados — J.D. murmurou. — Até que a papelada esteja pronta, talvez demore dias. Duas lágrimas deslizaram pelas faces de Melissa.

— Por que está fazendo isso?

— Talvez para tentar retribuir um favor.

— Que favor? — Melissa pestanejou, sem entender.

— Aquele que você fez ao aumentar a oferta dos ambientalistas.

— Quando foi que você descobriu?

— Ontem — ele respondeu e enrolou uma mecha dos cabelos loiros em seu dedo. — Como vê, eu lhe devo um grande favor.

— Você não me deve nada. Eu comprei suas terras por razões egoístas, não porque estava imbuída de motivos nobres. Por favor, John Dalton. Não coloque uma aura sobre minha cabeça.

— Está bem — ele respondeu com uma firmeza que surpreendeu Melissa. — Mas como sou o sócio majoritário, sou eu quem manda aqui e neste exato momento quero jantar na sua companhia.

Melissa não teve tempo para dizer que estava sem fome. Quando deu por si, J.D. e ela estavam descendo as escadas.

— O mundo não parecerá tão escuro depois que fizer uma boa refeição quente. Enquanto comemos, você poderá me contar o que Jess lhe falou. Estaremos sozinhos. Carmelita foi visitar a irmã.

— Não sei se devo lhe contar os detalhes, J.D. Não quero envolvê-lo nesta história mais do que já envolvi.

— É tarde demais, querida. Estou nisso até o pescoço. Na cozinha, ele puxou uma cadeira para que ela se sentasse. Depois colocou as panelas sobre a mesa com a maior naturalidade.

— É melhor você colocar alguma coisa nesse prato. O tom de voz foi tão autoritário que a fez sorrir e obedecer.

Cortou um pedacinho de bife com relutância. O sabor estava tão agradável que quando deu por si, Melissa já havia comido o bife inteiro com legumes.

Os pratos já haviam sido colocados na lava-louça quando ela percebeu que J.D. não a havia pressionado para que falasse. Ele estava tentando distraí-la, sem dúvida, ou não a teria levado em seguida ao refeitório para que Coley lhe servisse sua sobremesa favorita, ou seja, sorvete caseiro.

Era tarde quando voltaram para casa.

Melissa estava se sentindo muito melhor após se alimentar e jogar uma partida de xadrez. Bastou entrar na cozinha com J.D., contudo, para a insegurança tornar a invadi-la.

Sua intenção era se despedir rapidamente e subir para seu quarto, mas J.D. foi mais esperto e segurou-a pelo braço enquanto fechava a porta.

Ela tentou escapar à moda de Melissa Yahzoo:

— Por que eu tenho a impressão de que você está parecendo um daqueles cowboys dos velhos tempos disposto a perseguir o bandido até o fim do mundo?

J.D. franziu o cenho.

— Por que eu tenho a impressão de que o bandido está pensando em atirar areia nos olhos do cowboy e fugir?

Ele ergueu a mão e tocou-a no rosto. Incapaz de resistir, Melissa segurou aquela mão com firmeza, depois beijou-a.

— De que tamanho é seu ombro? — tentou brincar.

— Do tamanho que você necessitar.

Melissa riu e chorou ao mesmo tempo e deixou que J.D. a conduzisse à sala de estar.

Foi mais fácil do que ela pensava. Em poucos instantes já havia contado sobre seus encontros com Jess, sobre a carona que dera a Becky e sobre a carta.

Mas quando se lembrou do que havia acontecido com sua mãe, Melissa precisou interromper o relato e se levantar de tanto que chorava.

— Desculpe. Isso nunca aconteceu comigo antes. Não tenho o hábito de chorar a toda hora.

J.D. alcançou-a e abraçou-a. Ela deitou a cabeça em seu peito. Quanto mais ele tentava acalmá-la, massageando-lhe gentilmente as costas, mais ela chorava.

— Vai dar tudo certo, Melissa.

Ela não concordava. De qualquer forma, precisava reagir, e que modo melhor do que voltando a representar?

— Não é um desses otimistas chatos, hem, J.D.?

— Não preciso ser otimista para adivinhar qual será o próximo passo de Jess Everdine. Aposto o que você quiser que ele não permitirá que sua própria filha se afaste dele pela segunda vez.

— Ele só considera Becky e Bobby como filhos.

Os olhos de J.D. pousaram sobre os dela com intensidade.

— Você não entende muito sobre o que os laços de sangue significam para algumas pessoas, não é?

— Sei o que significam para mim — Melissa retrucou. — Eu sempre tentei imaginar se Jason e Angela me tratariam do mesmo modo se eu fosse filha legítima. Sei o que meus filhos significarão para mim, se algum dia os tiver.

— O que eles significarão, Melissa?

— Eu seria capaz de tudo por eles. Passei muitos anos de minha vida fazendo juramentos a essas crianças que nem sei se um dia terei. Posso lhe garantir que elas se sentirão seguras, desejadas e principalmente amadas. — Melissa fez uma pausa e respirou fundo. — Perdoe-me, mas não consigo falar mais sobre isso. Agradeço o que está tentando fazer por mim, inclusive retardando o processo

de venda, mas acho que seria melhor para todos se assinássemos os papéis amanhã mesmo.

O abraço de J.D. ficou ainda mais apertado.

— Não estou preocupado com o que é melhor para todos neste instante.

Assim dizendo, J.D. inclinou a cabeça e procurou os lábios de Melissa. Beijou-a com força, impedindo que se movesse. Melissa ficou surpresa a princípio, mas logo correspondeu ao beijo com o mesmo ímpeto.

Era disso que estava precisando, de um beijo apaixonado e possessivo que se apoderasse de seus sentidos.

Nesses momentos de ardor, J.D. desabotoou metade de sua blusa e se pôs a acariciar-lhe os seios sob o sutiã de renda.

— Quero fazer amor com você, John Dalton — ela sussurrou.

Antes não tivesse falado, pois J.D. se afastou no mesmo instante.

Ela tentou detê-lo. Ele tornou a beijá-la e abraçou-a com força. Frustrada, Melissa pensou em implorar, mas se controlou a tempo. J.D. estava tremendo tanto quanto ela.

Melissa sentia que estava em seu limite. Não bastasse o desgaste emocional com seu pai, ela havia sido repelida sexualmente.

— Não vai reconsiderar sua decisão? — Melissa tentou flertar.

— Não vou me aproveitar de você, Melissa. Melissa beijou-o rapidamente na boca.

— Eu me aproveitaria de você, John Dalton. — Ninguém poderia imaginar que uma jovem criada por um casal adepto de romances extraconjugais pudesse ser virgem ainda, mas a verdade era que Melissa nunca permitira que um namorado a possuísse. — Mas como meu beijo lhe bastou, acho que vou dormir. Tive um dia difícil. Estou precisando descansar.

— Seu beijo assombrará minha noite, Hollywood — ele respondeu. — O fato de eu não querer me aproveitar de você quando está perturbada por causa do encontro que teve com seu pai, não significa que eu não queira aceitar tudo que tem a me oferecer.

Aquelas palavras poderiam significar uma promessa, mas também um consolo. De qualquer forma, não contribuíram para melhorar sua auto-estima abalada.

Melissa se deitou e tentou esquecer os problemas, mas não o que acabara de acontecer entre ela e J.D.

Para um texano rude que passava todos seus dias trabalhando sob o sol e lidando com animais, J.D. era um homem surpreendentemente fino e gentil.

Haveria alguma maneira de conquistar um homem como ele? Como poderia entrar na, vida de alguém tão seguro de si, tão forte e auto-suficiente?

Ela era dona de uma fortuna, de uma grande beleza e conhecia muita gente famosa. De que isso adiantava? Seus atributos mais a prejudicavam do que ajudavam. Um homem como J.D. não tolerava seu estilo de vida.

— Como está hoje, Melissa? — J.D. quis saber quando ela se sentou à mesa para tomar o café da manhã.

— Muito melhor, obrigada. Que temos para o desjejum, señora? Estou faminta.

— Bife com ovos — Carmelita respondeu e fez um sinal de aprovação. — E pãezinhos doces com canela, como sei que você gosta.

Melissa havia se levantado com uma nova disposição. Aproveitaria cada minuto de seus últimos dias em Hayes. Quando chegasse o momento de partir, colocaria suas malas no carro de cabeça erguida. Queria partir da mesma forma que chegara. Com um sorriso nos lábios.

Capítulo 10

Jess Everdine não havia conseguido conciliar o sono mais uma noite. Era domingo, dia de assistir à missa, mas ele não estava disposto a sair de casa. Se Sarah estivesse viva, diria que na casa do Senhor ele encontraria a paz que estava buscando, mas ela não estava mais a seu lado.

Encontrava-se completamente sozinho. Embora não se sentisse com ânimo para ir à igreja, havia mandado que os filhos cumprissem o dever dominical.

Bobby e Becky haviam contado sobre cada minuto que haviam passado com Melissa e deixaram bem claro que gostavam dela e que pretendiam continuar em contato.

Os problemas com os filhos, entretanto, não eram nada em comparação com o que estava se passando em seu coração.

As palavras amargas de Melissa ecoavam em seus ouvidos sem trégua. A dor que lera naqueles olhos azuis havia ficado gravada em sua memória. O modo com que ela o acusara, dava a entender que não era feliz apesar de sua beleza e de seu dinheiro.

Lamentava a brutalidade com que se dirigira a ela em sua primeira tentativa de aproximação. Fizera pouco caso por ela ter dois nomes: Spenser e Melissa. Se era verdade que Melissa era tão insegura de si como ele acreditava, suas palavras deveriam ter sido esmagadoras.

Jess reconhecia que era um homem orgulhoso e obstinado. O que não sabia até poucos dias era que também havia crueldade dentro dele.

Em algum momento no decorrer daquela noite, a carta que Spenser Sedgewick escrevera cinco anos antes deixou de ter importância. Sua filha fora abandonada ao nascer. Se Melissa havia pensado que seus pais não a queriam quando bebê, na época em que mais precisara deles, deveria ter se sentido revoltada quando resolveram procurá-la depois de moça e rica.

Jess apertou os olhos e os punhos. Ele devia ter se colocado no lugar dela. Não deveria ter sido tão duro.

Melissa Yahzoo era filha dele e de Sarah. O modo com que ela resolvera entrar na vida deles também.não importava mais. O importante era ela ter finalmente tentado se aproximar.

Melissa adorava andar a cavalo. Era o que mais a relaxava. Naquele domingo, portanto, que provavelmente seria o último em Hayes, ela pretendia cavalgar até se cansar.

Como o dia estava quente, Melissa conduziu Brute por uma trilha à beira de um dos riachos da propriedade. A margem era repleta de árvores e ambos poderiam desfrutar de uma repousante sombra quando o sol estivesse a pino.

Melissa estava precisando de um momento de paz e de lazer. Estava precisando se reabastecer de energias e curar as feridas que estavam doendo profundamente.

Mas já estava começando a melhorar. Ao menos havia se conformado de que não havia mais nada a ser feito para minorar o sofrimento de sua mãe. Sarah devia ter se arrependido muito de tê-la doado. Era quase certo que ela nunca saberia a razão desse gesto, mas o fato de Sarah tê-la procurado mais tarde a consolava. Quanto a Jess, ela não queria pensar. Ainda estava magoada demais com seu procedimento.

Puxou as rédeas em certo momento a fim de admirar a imensidão do pasto e sentir o vento no rosto e nos cabelos. Quando se virou para continuar o passeio, deparou com Jess também montado num cavalo.

Reconheceu-o de imediato apesar da distância. Sua imagem lhe provocou medo, mas também lhe deu um fio de esperança. De qualquer forma, era tarde demais para fingir que não o havia visto.

Mesmo que quisesse, aliás, não conseguiria se mover. Quando percebeu que Jess estava cavalgando em sua direção, seu coração disparou no peito.

— Não foi dada para adoção porque havia algo de errado com você, Melissa — Jess murmurou assim que parou seu cavalo ao lado de Brute. — Mas porque havia algo de errado comigo e com sua mãe. Acho que você tem o direito de saber toda a história. Estou aqui para lhe contar, se quiser.

Melissa olhou para o pai. O carinho que havia em seus olhos pegou-a desprevenida.

Ela tentou reagir à emoção da única maneira que sabia. Colocou um sorriso falso nos lábios e disse:

— Não se trata de uma nova versão daquela famosa frase Suma daqui, pirralha. Você está me amolando?

O suspiro de Jess surpreendeu-a, mas muito mais as lágrimas que marejaram seus olhos azuis.

— Não, minha filha. — Ele estendeu a mão e pousou-a sobre a dela. — Nunca mais.

Melissa não raciocinou. No momento em que sentiu a mão áspera em contato com a dela, segurou-a com força. Estava tão emocionada que não conseguia falar.

— Seu pai nunca soube reconhecer as melhores coisas que aconteceram em sua vida. O bom Deus sempre teve de me conceder uma segunda chance. Eu espero que Ele possa se lembrar de mim mais uma vez.

As lágrimas que ele viu nos olhos de Melissa foram a resposta às suas preces.

Jess Everdine e Sarah McCauley eram namorados desde a sétima série. Sarah sonhava com um casamento depois da formatura, com um lar e filhos. Jess tinha a febre dos rodeios no sangue. Ele também queria se casar, ter um lar e filhos, mas mais tarde, depois que tivesse ganho dinheiro suficiente para sustentar sua família. Como era filho de um pobre homem do campo, ele queria dar a Sarah mais do que o pai dera a sua mãe. Ele sonhava também com a glória e a emoção de ser aclamado como um herói entre os cowboys.

No último ano do colégio, Jess ganhou vários prêmios locais. Tudo indicava que sua carreira em rodeios seria promissora. Ainda rapaz, a vida itinerante o atraía muito. O pai, velho e cansado, que havia se esgotado de tanto trabalhar em terras inférteis, com escassas fontes de água, foi quem mais encorajou Jess em suas ambições.

Sarah pertencia a uma família próspera de rancheiros. Ela queria que Jess fosse trabalhar para seu pai. Poderiam morar em uma das casas do rancho e levar uma vida confortável. Mas o orgulho de Jess não permitiu. Jamais concordaria em se casar e ser acusado de interesseiro. Nunca seria feliz se tivesse de passar toda sua vida sob as ordens do sogro e até mesmo do cunhado, pois Sarah tinha um irmão.

Os namorados acabaram tendo uma briga no dia seguinte à formatura, onde Sarah declarou que nunca mais queria vê-lo e ele respondeu que era da mesma opinião.

A esperança de Sarah era de que Jess fosse mudar de ideia quando ganhasse o primeiro troféu e o primeiro grande prêmio em dinheiro. Amava-o demais para esquecê-lo. Estava disposta a esperar o tempo que fosse preciso para que Jess tivesse o dinheiro suficiente para comprar um lugar para eles.

Jess não tentou entrar em contato durante todo o ano que esteve ausente. Quando a procurou, mais de um ano depois, por telefone, ela o atendeu com frieza e mandou dizer que não estava nos telefonemas seguintes.

Mais tarde, quando Jess finalmente ganhou o prêmio nacional em sua categoria e recebeu o dinheiro que tanto almejava, precisou empregá-lo por inteiro no tratamento médico de seu pai, que estava muito doente, no sustento da mãe e do rancho.

No final, o pai morreu e o rancho precisou ser vendido para que eles pudessem pagar as dívidas. O que sobrou foi empregado na compra de uma casa na cidade para sua mãe.

Jess voltou ao circuito dos rodeios por mais um ano, mas não conseguiu chegar às finais. Decepcionado, voltou ao Texas. Havia conseguido guardar um pouco de dinheiro, mas o que tinha não era suficiente para comprar boas terras.

Acabou sendo contratado como capataz num rancho de médio porte, onde trabalhou por vários meses.

Numa noite de sábado, para sua surpresa, encontrou Sarah com algumas amigas num baile. Como continuava solteira e nunca o havia esquecido por completo, Sarah aceitou o convite para uma contradança que se prolongou até o final da noite.

Não havia passado um único dia sem que Jess pensasse em Sarah durante os cinco anos de separação, apesar de ele ter desistido da ideia de uma segunda chance com ela.

Bastou estarem nos braços um do outro, contudo, para os sentimentos de ambos aflorarem novamente. E agora ele não precisava mais adiar um compromisso entre eles. Como capataz de um rancho, agora tinha algo para lhe oferecer. Seria menos do que ambicionara lhe proporcionar, mas o suficiente para uma vida tranquila e honesta e para criarem uma família.

Sua proposta de casamento, porém, feita naquela mesma noite, foi recusada. Não com uma desculpa tola, mas porque Sarah ainda não conseguira se recuperar do trauma por ter sido obrigada a entregar para adoção o bebê que tivera durante a ausência dele. Incapaz de enfrentar os pais, ela recorrera àquela solução terrível e agora não tinha mais coragem para se casar.

Jess sentiu-se dilacerado ao ouvir a história. Fora um egoísta ao perseguir seu sonho enquanto Sarah esperava um filho seu e não tinha ninguém com quem contar.

Entre lágrimas e pedidos mútuos de perdão, Jess e Sarah resolveram se casar e juntar dinheiro para contratarem um detetive que os ajudasse a encontrar a filha perdida. Nesse período tiveram mais dois filhos, um menino e uma menina.

Conforme Becky havia contado a Melissa, assim que souberam sobre seu paradeiro, eles tentaram contactá-la, mas a carta que ela mandou em resposta partiu seus corações.

No início, Sarah se entregou a uma profunda depressão. No ano anterior a sua morte num acidente automobilístico, contudo, Sarah havia recuperado a fé e o otimismo de que um dia ela ainda veria Spenser, provavelmente quando estivesse mais madura e pudesse compreender sua situação. Os pesadelos e as lágrimas não a torturaram mais. Sarah havia encontrado a paz. E Jess também havia conseguido se equilibrar após a perda de ambas, e estava criando os dois filhos em perfeita

harmonia quando soube que Spenser Sedgewick havia retornado ao Texas com um novo nome...

— John Dalton! Você está aqui? — Melissa gritou, excitada, ao entrar na cozinha.

Como ninguém lhe respondesse, ela correu para o escritório. O silêncio da casa não a preocupou. Era domingo e Carmelita costumava passar esse dia com a família.

Melissa estava explodindo de alegria e o que mais queria era compartilhar essa felicidade com J.D. Mas ele não estava em parte alguma. Até a garagem estava vazia.

Ela estava ansiosa para lhe contar que Jess a procurara exatamente como ele previra.

Melissa sentou-se à mesa da cozinha e sorriu.

Jess havia respondido todas as perguntas que ela se fizera durante toda sua vida. Os motivos de ter sido entregue para adoção agora estavam explicados. De repente, não se sentia mais tão mal-amada. Não havia sido culpada pelo que lhe acontecera. Pela primeira vez em sua vida, ela estava se sentindo real.

Havia nascido do amor entre dois jovens. A história de Sarah e Jess fora triste,mas apaixonada e eterna.

Era um amor como o deles que ela queria ter com J.D.

Uma nova onda de felicidade inundou-a e ela resolveu subir para seu quarto e tomar um banho.

Após a conversa, Jess a convidara para almoçar em sua casa com Bobby e Becky, que já deveriam ter voltado da igreja. Após a refeição, ele lhe mostrou o álbum de fotografias da família e prometeu lhe apresentar os tios, tias e primos na reunião anual que realizavam todos os anos, no primeiro final de semana de agosto.

Melissa Yahzoo era a pessoa mais feliz do mundo.

J.D. Hayes nunca havia se sentido tão deprimido em sua vida. Nem mesmo o rompimento com Raylene e a perda parcial do rancho haviam provocado tanta dor.

Mas depois que a atenção e o carinho de Melissa se voltaram quase que exclusivamente à casa dos Everdine, nos últimos três dias, J.D. estava sentindo um vazio impossível de ser descrito.

A maior parte do tempo de Melissa era dedicada ao pai, à irmã e ao irmão e à avó Agnes, mãe de Jess, que viera ao rancho para conhecer a neta.

J.D. estava contente por Melissa. Nos breves momentos que passavam juntos, mais especificamente no café da manhã, pôde perceber o quanto ela havia mudado.

Melissa não era mais a garota melancólica e insegura que chegara a Hayes. Parecia mais firme, menos frágil. Continuava a distribuir sorrisos e a flertar daquela forma irresistível, mas sua alegria não era mais forçada, ela vinha de dentro. E ele estava gostando dela ainda mais do que antes.

J.D. temia o momento em que os documentos finalmente estivessem prontos para ser assinados, pois isso significaria a volta de Melissa para a Califórnia.

Para complicar ainda mais sua situação, Jess estava interessado em comprar um pequeno rancho no condado vizinho que seria colocado à venda na primavera. Se Jess o comprasse, como planejava, a possibilidade de ele ver Melissa quando ela visitasse a família seria ainda menor.

Não estava suportando a ideia de que Melissa havia perdido o interesse por ele. Se partisse, levaria consigo seu coração e ele voltaria a ser o homem só e mal-humorado que deixara de existir

sob o toque da varinha de condão que ela trouxera a Hayes com seu sorriso.

J.D. não sabia como reclamar as atenções de Melissa e descobrir se os flertes haviam significado alguma coisa. J.D. não sabia se teria coragem de tentar.

Melissa recebeu uma encomenda na quinta-feira. O pacote estava sobre o aparador no hall e seu nome constava na etiqueta.

Levou-o para seu quarto e franziu o cenho quando não encontrou o nome do remetente. Esquecera completamente sobre a biografia. Os últimos dias haviam sido tão maravilhosos que afastaram todos os problemas de sua mente.

Para que eles fossem perfeitos, faltava apenas ela ter J.D. a seu lado. Sentia falta dele. Justamente naquele dia em que dera um jeito de chegar mais cedo em casa para ficar com seu cowboy, a chegada do pacote viera atrapalhar seus planos.

Suas mãos tremiam ao rasgar o papel. Queria saber se havia uma carta acompanhando o livro. Como não encontrou nada nesse sentido, colocou o livro de lado sem se importar com as letras douradas na capa que pareciam determinadas a arruinar sua paz.

Alguns minutos depois, contudo, a ansiedade a forçou a abri-lo. Precisava descobrir o que Dillon Casey havia escrito sobre Becky, Bobby e Jess Everdine e sobre o rancho Hayes.

Dominada por uma terrível combinação de raiva e de curiosidade, começou a ler.

Não ouviu J.D. chegar. Estava concentrada demais na leitura. Não havia se lembrado nem sequer de avisar Carmelita que estava em casa e que jantaria com J.D. aquela noite.

Deitada na cama e apoiada sobre uma pilha de travesseiros, Melissa leu a biografia durante horas. Foi uma abençoada surpresa descobrir que Casey havia mudado os nomes de Bobby e Becky Everdine para Danny e Sherry Anderson e que em vez de morarem no Texas, eles viviam em Montana.

Quanto aos Sedgewick, o autor não os havia poupado. Tudo o que eles haviam feito de ruim durante suas vidas estava impresso naquelas páginas. Melissa não sabia,como, mas Dillon Casey encontrou a carta que Jess e Sarah haviam escrito a ela cinco anos antes e publicou-a, assim como mandou imprimir a resposta cruel e falsa. A culpa foi atribuída a Angela, conforme Melissa imaginara. Assim, devido à maldosa interferência da mãe adotiva, Melissa fora impedida de conhecer sua mãe natural enquanto ela ainda vivia.

O fato mais constrangedor do livro, para Melissa, foi a análise que o autor fez sobre a infinidade de verões que Spenser passou de um rancho para outro, na tentativa secreta de encontrar sua verdadeira mãe.

Ao final, a impressão que ele parecia ter procurado passar ao leitor era de que simpatizava fortemente com Spenser Melissa.

Melissa estava com os olhos úmidos de emoção quando terminou o livro. Por outro lado, a pena que Jason e Angela lhe despertaram ao terem suas vidas íntimas tão brutalmente expostas não permitiu que saísse do quarto.

Pensou em ligar para eles para lhes dizer o quanto sentia pelo caos que o livro representaria em suas vidas, mas desistiu da ideia com medo de que eles pudessem culpá-la.

Talvez fosse melhor lhes enviar um telegrama.

Ligou, em seguida, para Jess e avisou-o sobre os nomes trocados, mas não disse nada sobre Angela ter interceptado a carta. O importante era que Jess havia acreditado em sua palavra de que nunca a recebera.

Tudo estava correndo às mil maravilhas para ela, por fim! Ou melhor, quase tudo. Bastou Melissa consultar o relógio sobre a mesa de cabeceira para perceber que havia perdido a oportunidade de jantar com J.D.

Mas como queria muito que ele soubesse que estava em casa, levantou-se e abriu a porta no exato momento em que ele estava subindo as escadas.

— Oi, J.D.

— Oi, Melissa — ele cumprimentou-a, com uma expressão subitamente mais desanuviada. — Parece que as coisas estão melhorando, não?

— Estou sentindo como se um grande peso tivesse sido tirado de minhas costas. E você, como está?

— Mais ou menos.

Melissa sentiu uma vontade imensa de tocá-lo, de afastar os pensamentos sombrios que adivinhava estarem perturbando-o, mas J.D. seguiu direto para seu quarto, parando apenas uma fração de segundo para afastar uma mecha de cabelos que havia lhe caído sobre a testa.

Capítulo 11

— Os documentos estão prontos para serem assinados — J.D. informou Melissa na manhã seguinte. — Os advogados se colocaram à disposição para nos receber à qualquer hora. — Se você ainda pretende seguir com a venda, é claro.

— Claro que quero, John Dalton — Melissa se apressou a afirmar. — Hayes é sua. Você a recebeu em herança. Não é justo que outros se apoderem das terras que devem ser deixadas a seus filhos. Vamos assinar os documentos hoje mesmo, à hora que você quiser.

Que Melissa estava com pressa de se livrar das terras era óbvio. E J.D. não estava contente com isso, ao contrário do que seria esperado.

— A propósito — Melissa lhe deu, de repente, um de seus mais lindos sorrisos —, quantos filhos pretende ter, John Dalton?

Ele levou um pedaço de bife à boca para não ter de responder.

— Espero que não seja um homem aos moldes antigos e deixe tudo para seu primogênito. Pense que pode ganhar outros filhos e filhas e que eles talvez queiram fazer um bom trabalho aqui. Alguns talvez ingressem numa faculdade de Agricultura. Seria bom se um deles, ao menos, cursasse Direito. Ele poderia se tornar um deputado ou ainda um senador e lutaria pelos interesses do homem do campo.

J.D. parecia sério.

— Já percebeu que você acabou de planejar minha família e até a profissão de meus filhos e que ainda são apenas cinco e meia da manhã?

— E você já se lembrou de que tem trinta e quatro anos de idade? Está mais do que na hora de começar a cuidar do lado bom da vida, J.D. As pessoas não nascem apenas para trabalhar de sol a sol.

Melissa se levantou e encheu sua garrafa térmica com café antes que J.D. tivesse tempo para se recuperar. Quando se virou, Carmelita estava sorrindo e J.D. apresentava um olhar ausente.

Ela já havia colocado o chapéu e saído para o pátio quando J.D. finalmente se levantou.

No decorrer da manhã, efetuaram juntos uma porção de tarefas. Melissa ajudou-o a discutir os problemas em meio a uma reunião com os empregados e a distribuir os serviços. Inspecionaram o gado, cuidaram das cabeças que pareciam doentes e soltaram três bezerros que haviam ficado presos entre os arames farpados. Ela também ajudou-o a ministrar antibióticos e suturar os ferimentos dos bezerros e depois a consertar a cerca responsável pelo acontecimento.

Estavam se preparando para almoçar quando Melissa resolveu contar que havia recebido uma cópia da biografia no dia anterior.

— O livro acaba com os Sedgewick — ela confessou —, mas Dillon Casey trocou os nomes de meus irmãos e seu endereço, e foi simpático comigo.

— Simpático? — J.D. protestou. — Depois de invadir sua privacidade, atormentá-la por causa das crianças e de escrever detalhes sobre sua vida particular sem sua permissão? O tal livro despejará a mídia sobre você como se fosse um enxame de abelhas em torno de um pote de mel.

— O que mais eu poderia dizer, J.D.? Ele me poupou e a meus irmãos de um escândalo. Casey se manteve bem próximo aos fatos, mas não sugeriu a ideia de que eu era uma neurótica digna de compaixão. Estou acostumada a lidar com a imprensa. Agora que sei que eles não incomodarão as crianças, não estou mais preocupada. J.D. balançou a cabeça e suspirou.

— Será que você conseguirá viver um dia sem a ameaça de um autor ou repórter investigando sua vida particular e tentando ganhar dinheiro a sua custa?

— Eu não preciso da atenção da mídia para ser feliz, John Dalton, mas como sou filha adotiva de Jason e de Angela, sempre correrei o risco de ser observada.

J.D. não disse nada durante um longo tempo. Como o silêncio se prolongasse, Melissa decidiu mudar de assunto.

— Já pensou sobre seus planos?

— Que planos?

— Não é de admirar que você ainda não tenha um herdeiro, John Dalton. Estou falando sobre seus planos de se casar e providenciar um herdeiro. Não que você precise correr porque já está com trinta e quatro anos. Li em algum lugar que os homens ainda são capazes de gerar filhos aos oitenta anos.

— É mesmo? — J.D. caçoou.

— Mas se eu estivesse em seu lugar não esperaria tanto. Que adianta ver o filho nascer, mas não acompanhar seu crescimento? E a mãe se veria entre dois dilemas. Criar o filho sozinha ou se casar de novo. Além disso, o rancho acabaria nas mãos de um estranho. Você já pensou se, por acaso, sua esposa não for feliz na escolha de um novo marido? E se ele estiver interessado apenas no dinheiro dela? Ou pior, e se ele resolver lotear o rancho? De posse do dinheiro, ele poderia abandonar sua esposa e seu filho e ambos acabariam num apartamento barato na cidade, sem um centavo no bolso, e sem saber a história dos Hayes.

— Que imaginação fértil! — J.D. exclamou, rindo.

— Então esqueça o que eu disse — Melissa respondeu e se afastou com Brute.

Eram duas horas quando Melissa e J.D. chegaram à cidade para a reunião no escritório do advogado. J.D. havia trocado as roupas de trabalho por um jeans novo e uma camisa branca. Melissa resolvera usar uma roupa mais chamativa.

De calça jeans cor-de-rosa, blusa e botas vermelhas, ela surpreendia a todos por quem passava. J.D. não entendia como uma roupa que seria considerada de mau gosto em outras mulheres, parecia sofisticada em Melissa.

Quanto mais a fitava, mais fascinado se sentia. E mais tenso. Passara a manhã inteira tentando continuar a partir daquele beijo da outra noite, mas Melissa mantivera a distância com suas brincadeiras.

J.D. saiu do carro e deu a volta para abrir a, porta para ela. Quando a segurou pelo cotovelo, fingiu estar agindo de modo casual, mas a verdade é que estava mais do que ansioso por tocá-la. Estava excitado pelo simples fato de estar ao lado dela. Melissa não era uma mulher como as outras. Em vez de andar, ela parecia dançar e flutuar como uma fada. Só lhe faltavam as asas e a varinha de condão. Melissa era e continuaria a ser um enigma para ele. Uma criatura etérea, ilusória, rara. Melissa Yahzoo era especial demais para um homem rude como ele, era delicada demais para seu

estilo de vida.

Mas ele a queria. Naquele curto período em que ela se hospedara em Hayes, talvez desde o primeiro momento em que se encontraram junto à cerca e ela lhe deu aquele tapa no joelho, ficara sonhando em tê-la sem querer assumir essa verdade.

O problema era que apesar de ela ter afastado a insipidez e a solidão de sua vida, Melissa jamais poderia transformá-lo num príncipe com maneiras elegantes e refinadas que pudesse se ambientar no mundo da alta sociedade a que ela estava acostumada.

No instante em que J.D. abriu a porta do escritório, Melissa olhou para ele e lhe deu um sorriso mais quente do que o sol. Ela não parecia se importar que ele fosse um bronco. Ou que fosse tolo o bastante para ter esperanças de um futuro a seu lado.

Melissa, por sua vez, estava se esforçando ao máximo para parecer alegre e jovial como gostava de se mostrar. A ideia de que estava prestes a partir um vínculo importante entre J.D. e ela a perturbava.

Não queria ir embora de Hayes. Não se importaria se nunca mais botasse os pés na Califórnia. Mas, apesar de lhe agradar o prospecto de recuperar o tempo perdido com sua família, a realidade era que não poderia permanecer no rancho indefinidamente. A partir do momento que deixasse de ser sócia de J.D., não se sentiria bem ocupando um lugar em sua casa como uma simples hóspede.

Talvez tivesse exagerado aquela manhã em sugerir casamento e herdeiros para Hayes. Se J.D. fosse bom entendedor, deveria ter desconfiado de que ela havia se candidatado à posição. Agora estava arrependida por ter tocado no assunto. Seria a morte para ela se descobrisse, quando já tivesse retomado sua vida na Califórnia, que J.D. havia seguido seu conselho e se casado com outra.

Os pensamentos negativos foram disfarçados por meio de sorrisos à recepcionista e ao advogado, dr. Blake.

Assim que se sentaram de frente para o dr. Blake, a secretária passou uma ligação. Do outro lado da linha estava a advogada de Melissa.

O dr. Blake conectou a ligação a um alto-falante e os quatro puderam conversar a viva voz.

Foram entregues cópias dos documentos a Melissa e a J.D. Ele estava lendo a primeira página quando Melissa dirigiu uma pergunta a sua advogada:

— Bianca, você tem ideia de quem me enviou uma cópia da biografia? Não havia uma carta explicativa nem o endereço do remetente.

— Eu sei quem foi, Melissa. O sr. Casey telefonou há menos de trinta minutos para falar sobre o assunto. Foi ele quem lhe enviou uma cópia. Em breve você receberá também uma carta. — Bianca riu. — Do jeito que ele falou, acho que se apaixonou por você. Não fique surpresa se a convidar para sair qualquer dia destes. O homem pediu que eu lhe transmitisse seu pedido para escrever um livro sobre você, mas com sua devida permissão. J.D. resmungou algo que não foi possível entender.

— O que foi isso? — Bianca quis saber. Melissa sorriu.

— Acho que meu futuro ex-sócio, sr. Hayes, não gostou de nossa conversa. Ele é uma pessoa formidável e eu estou fascinada por ele. Mas, voltando aos negócios, posso assinar os papéis sossegada?

— Claro que sim, mas não antes de ler todas as páginas. O escritório mergulhou em silêncio por

vários minutos.

Melissa estava pronta para assinar, mas J.D. não parava de folhear os papéis.

No momento em que ela terminou de assinar o documento, J.D. parou de ler e encarou-a.

— Encontrou algum erro? — ela indagou, surpresa. J.D. olhou para o advogado e pediu que os deixasse a sós por um minuto. O advogado informou Bianca que desligaria o alto-falante e que a ligação ficaria momentaneamente suspensa. Em seguida, se levantou e saiu da sala. Os olhos escuros de J.D. a fitavam de forma tão penetrante que Melissa precisou engolir em seco.

— Alguém já lhe disse, John Dalton, que você amedronta as pessoas quando as encara desse jeito?

Ela se levantou, colocou os papéis em cima da mesa do advogado e se virou novamente para J.D.

— O que estava querendo me dizer esta manhã? — ele indagou, por fim.

— Sobre estar na hora de você fazer planos para o futuro?

— Todas suas insinuações me fizeram lembrar um certo beijo.

A pulsação de Melissa acelerou e o sangue lhe subiu às faces quando J.D. depositou seus documentos sobre a cadeira da qual ela se levantara.

— Foi muito bom, se estou lembrada. Mas, para ter certeza, acho que precisaria provar outro — Melissa disse baixinho.

Ela prendeu o fôlego quando J.D. se levantou e parou a poucos centímetros de seu corpo.

— Nesse caso, é melhor refrescarmos sua memória. J.D. sentou-a sobre a mesa e beijou-a com tanto ímpeto que ela não teve tempo de responder. Estava ocupada demais em retribuir o beijo e em abraçá-lo pelo pescoço.

— Então, você já fez algum plano, John Dalton? — Melissa quis saber, quando ele finalmente terminou de beijá-la.

— Já — J.D. respondeu, mas antes de dizer qual era, tornou a se apossar de seus lábios. — Estou apaixonado por você, Melissa Yahzoo. Case-se comigo.

Melissa olhou para aquele rosto másculo e sincero. Os olhos tinham uma expressão gentil. J.D. era um homem de contrastes. Apesar das maneiras bruscas, às vezes, ele era capaz de uma ternura infinita.

Ela o segurou pelo queixo.

— Eu te amo, John Dalton. Tem certeza do que acabou de me dizer? Não posso me transformar em outra pessoa e não creio que possa evitar alguns inconvenientes ligados à vida que sempre vivi. Haverá riscos de sermos incomodados pela mídia. De uma forma ou de outra, eu sempre o farei lembrar Hollywood com meu modo de ser.

J.D. tentou falar, mas ela se lembrou de outro detalhe e colocou um dedo sobre os lábios dele.

— Sou muito voluntariosa também. Estou acostumada a fazer o que quero e de vez em quando cometo tolices. Por outro lado, você pode ter certeza de que será muito amado. Adoro sua integridade, suas ideias, sua racionalidade. Adoro sua espontaneidade. Acho o máximo que você lute e brigue por aquilo que sente e que quer. Eu te amarei para sempre se ainda me quiser. Antes de me

responder, contudo, quero que pense e reflita.

Melissa deteve-se por um instante e rezou para que J.D. não fizesse caso de seus avisos.

Ele aguardou que ela respirasse e indagou:

— Acha que disse tudo o que havia para ser dito? Melissa fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Quantos herdeiros acha que será capaz de me dar? — ele perguntou com ar sério.

— Pelo menos seis.

— Já pensou nos nomes?

Ela não cabia em si de felicidade.

— Talvez John Dalton Jr., Nick, Victoria, Julie, Henry e Mark.

— Não quero que um filho meu carregue o apelido de Júnior. Mas haverá tempo para decidirmos sobre um outro nome. Eu te amo, Melissa. Quer ser minha esposa?

Lágrimas de felicidade marejaram os olhos de Melissa.

— Com todo meu coração, J.D. Agora, não acha que deveríamos devolver a sala ao dr Blake e ligarmos novamente para Bianca? A esta altura, a ligação deve ter caído.

— Eles estão sendo pagos pelo tempo empregado conosco, Hollywood. Podem esperar.

— Mas eu não posso, J.D. Quero assinar logo esses papéis e passar pelo cartório para marcar a data de nosso casamento. Não posso me arriscar a esperar, caso você mude de ideia.

J.D. sorriu.

— Eu não mudarei de ideia, Melissa, e não pretendo assinar esses papéis.

— Por que não?

— Porque gostei de ter uma sócia. Gostei de ter você como parceira.

Ela apertou-lhe a mão.

— Eu sei o que o rancho significa para você.

— Talvez, então, consiga imaginar o que você significa para mim. Se dependesse de mim, eu me casaria com você neste minuto. A menos, é claro, que você prefira esperar para termos um grande casamento.

— Só por ser em Hayes será um grande casamento, J.D. Carmelita, Coley e os rapazes não poderão faltar. E agora eu tenho uma família. Subirei ao altar pelo braço de meu pai. A cerimônia poderá ser realizada no terraço. Eu não terei dificuldade em encontrar um bom fotógrafo e um bufê. Faço questão de dar folga a Carmelita e a Coley. Não precisarei me preocupar com o vestido. Eu comprei, por acaso, um lindo vestido branco antigo num leilão há um ano e...

J.D. calou a torrente de excitação com um beijo tão apaixonado que Melissa sentiu as pernas amolecerem.

Em minutos, após uma breve explicação a ambos os advogados, estavam na calçada cercados por um bando de fotógrafos e jornalistas.

J.D. tentou encontrar uma rota de fuga e percebeu que a rua estava apinhada de carros de ambos os lados.

— Mais cedo ou mais tarde, isso tinha de acontecer, John Dalton — Melissa murmurou e seu medo foi afastado por um abraço protetor.

— Dê a eles um de seus lindos sorrisos, Hollywood e diga o que tiver vontade.

— Tem certeza? — ela indagou, perplexa.

— Absoluta.

J.D. conseguiu colocá-la no carro antes que os repórteres os detivessem.

— Qual sua opinião a respeito da biografia dos Sedgewick feita por Dillon Casey? — gritou a mais afoita das jornalistas.

Melissa abriu o vidro da janela e sorriu ao mesmo tempo em que J.D. se sentava por trás do volante. Dezenas de câmeras foram colocadas em ação. Sem parar de sorrir, Melissa fez um sinal para que J.D. acelerasse.

— Sem comentários — ela respondeu, por fim.

— Quem é o cowboy? — foi a pergunta seguinte. Não houve tempo para respostas, pois J.D. se afastou pela rua sem se importar com a pequena multidão que corria atrás de seu carro.

— Isso foi apenas o começo — Melissa explicou. — Se eles ainda não sabem quem você é e onde fica seu rancho, em breve saberão.

J.D. estendeu a mão e tocou-a no braço como se quisesse acalmá-la.

— Blake me avisou que a cidade estava pipocando de repórteres. Jess e os rapazes estão trazendo algumas cabeças de gado para os pastos frontais, inclusive nosso touro mais bravo. Assim que nós entrarmos no rancho, eles passarão fileiras adicionais de arame farpado, na cerca e soltarão o gado. Duvido que algum repórter consiga nos incomodar — J.D. concluiu com um sorriso malicioso que fez Melissa dar uma boa risada.

Melissa Yahzoo se tornou sra. John Dalton Hayes numa cerimônia íntima realizada na varanda principal da casa sem acesso à imprensa devido à impecável vigilância providenciada por J.D. e por Jess.

O único helicóptero que teve permissão para pousar no pátio do rancho foi o que o próprio J.D. alugou para transportar os convidados.

Terminada a cerimônia e a recepção, o feliz casal se instalou uma cabana isolada à beira de um pequeno lago em Ozarks.

J.D. descobriu que entre as muitas qualidades de sua noiva, ela também era capaz de preparar um anzol e pescar. Melissa descobriu que seu rancheiro texano era muito mais envolvente na cama do que fora dela.

O primeiro filho, um lindo bebê de cabelos escuros, nasceu antes que eles completassem um ano de casados e foi batizado John Dalton, Jr. Mas ninguém ousou chamar o menino de Júnior, uma vez que seus pais o apresentavam como Johnny D.

O segundo filho também nasceu com cabelos escuros e recebeu o nome de Henry. As outras quatro crianças eram loiras de olhos azuis e se chamaram Victoria, Julie, Sarah e Theresa. Em pouco tempo eram capazes de montar e preparar laços tão bem quanto os irmãos.

O rancho Hayes teria muitos herdeiros um dia, mas o maior legado que Melissa e John Dalton deixariam aos filhos era o legado do amor, da alegria e da devoção.

Sobre a Autora

SUSAN FOX ganhou dois prêmios Romance Writers of America Golden Heart no início de sua carreira. Sempre foi fã de westerns e cowboys, sempre pensa em heróis românticos usando chapéus Stetsons e botas. Os leitores ficarão felizes por saber que ela planeja escrever muitos livros no futuro. Susan vive com o filho mais novo, Patrick, em Dês Moines, lowa.